



CRÔNICAS PORTUGUESAS

Flavio A. de Andrade Goulart



2022

AS CRÔNICAS

Uma viagem e tanto
O turismo bombando
Ê vida de gado
Entre a Cruz e a Espada
Fátima
Vila do Conde (e de muitas belezas)
Uma Aldeia chamada Touguinhó
A dama do cemitério
Braga, a religiosa
Estradas portuguesas
De volta a Ponte de Lima
Cidades portuguesas
Cidades de Portugal: mais impressões
Eduardo e Célia
Polvo a Lagareiro
Cabeceiras de Basto
Póvoa do Lanhoso
O Galo de Barcelos
Em Roma como os Romanos
Brasucas
Citânia de Briteiros
Presidentes, lá e cá
Ver de Portugal
Progresso social: o que é de verdade?
Dois países e uma passarela

UMA VIAGEM E TANTO

A viagem de que se fala aqui, na verdade, era para ser outra. Transcorreria antes do grande cataclisma mundial e nacional que foi a pandemia de Covid e reuniria apenas a família Camarotti, representada por Henriqueta, Helaine e Alexandre. Mas o mundo virou de pernas pro ar, dois anos inteiros se passaram e ela acabou acontecendo com novos personagens adicionados: Flávio Goulart e Maria Íris Guimarães. Alexandre deixou para outra vez.

Assim é que nestas páginas eu, Flávio Goulart, narro minhas percepções sobre esta viagem, sob a forma de crônicas. O ideal seria que cada uma das demais viajantes deixasse também suas impressões, pois o que aqui vai é apenas uma visão individual. O narrador, admitamos, *não é dos melhores, mas dos mais expostos à galhofa*, como disse Drummond a respeito de si mesmo, mas é o que se oferece para o momento. Quem quiser que o contradiga e forneça sua própria visão dos fatos aqui arrolados. Será bem-vindo.

A saída se deu pelo Recife, para facilitar o embarque da tropa nordestina. E para lá fomos Keta, Íris e eu, para encontrar Helaine, que veio de Natal. Era o dia seis de setembro de 2022 e mais uma vez o Brasil pisava em ovos, com novas ameaças do delinquente-presidente, com foco no dia seguinte, feriado da Independência.

Mas nada aconteceu. Ou melhor, aconteceu o que já vinha acontecendo sorrateiramente desde 2019 no Brasil, coisas de que esperamos nos livrar dentro em breve.

E lá fomos nós, em voo tranquilo de Recife a Lisboa e de lá ao Porto, onde chegamos pelo meio da tarde,

depois de um almoço à base de *sandes*, em recanto de pitoresca designação: *Alma de Cachorro*. Mais detalhes disso em crônica que ainda lerão.

No Porto pegamos nosso carro alugado, um Renault supimpa, de modelo que nem temos por aqui, grande o bastante para a mala das *meninas* (doravante as chamarei assim), já que a minha poderia ir até no colo de alguém. E seguimos em frente. No Porto, um olho na cidade, que percorremos de maneira mais superficial e outro olho no Brasil onde a terra ameaçava tremer. Mas os delinquentes daqui apenas latiram sem morder, mesmo assim sem deixar ninguém tranquilo.

O primeiro destino foi Vila do Conde, ali pertinho, onde pernoitamos. No dia seguinte a visita a Touguinhó, aldeia ancestral de Keta e Helaine. No final da tarde já estávamos em Viana do Castelo, onde novamente pernoitamos, depois de passar por Barcelos.

No dia seguinte, oito de setembro, o plano era comer um bacalhau em Ponte de Lima, mas tivemos que adiar tal evento, por motivos que serão esclarecidos na crônica correspondente a esta cidade. Os leitores chegarão lá. Neste mesmo dia chegamos a Braga, onde tivemos recepção calorosa por Célia e Eduardo Guerra, meus amigos desde outras eras, com quem também as meninas passaram a privar de intimidade, como se o fossem *desde criancinhas*.

Em Braga passamos três dias, não só percorrendo a pé suas velhas ruas como alguns arredores, com “algumas pessoas” já de olho em lojas de souvenirs e bugigangas *made in China*. Faz parte... Tendo tal cidade como base fomos então à belíssima Guimarães, para nossa alegria e também de Iris, cujos antepassados devem ter vindo de lá. E se não vieram

fica valendo a ideia. No caminho a passagem pela interessante e duas vezes milenar Citânia de Briteiros. Visitamos ainda os dois santuários locais, Bom Jesus do Monte e Sameiro, aos quais dedicamos nossa devoção. Aproveitamos para ampliar o giro, voltando a Ponte de Lima, para uma apreciação mais íntima, passando também por Ponte da Barca e Vila Verde. Tudo com muito proveito!

A seguir, nos separamos. As meninas foram para Roma e Paris e eu fiquei em Braga com meus amigos, tendo feito com Eduardo um giro pela região do Norte de Portugal, incluindo Cabeceira de Basto e Póvoa do Lanhoso, fatos também narrados mais adiante nestas páginas.

Oito dias depois, Lisboa. Tudo a ser contado e recontado em crônicas específicas, com meu pesar de ter sido obrigado a me afastar do grupo por três dias, por problemas podais. Mas as meninas não perderam tempo, girando pelo circuito que chamei de *Cruz & Espada*: Fátima, Batalha, Óbidos, incluindo também Nazaré. E visitando quanta loja de souvenirs encontrassem pelos caminhos.

Para resumir, fomos muito felizes em tudo que fizemos. As meninas já se conheciam o bastante, mas para mim, novo em tal grupo, foi uma oportunidade de interagir com essas pessoas cheias de afeto e sempre capazes de surpreender.

Até uma próxima viagem, queridas meninas, que espero não demore a acontecer!

O TURISMO BOMBANDO

Observação inescapável: Portugal está bombando em matéria de turismo. Por toda parte que se anda o que mais se vê é gente. Muita gente. Em todos os formatos, vestimentas e fisionomias possíveis. Negros africanos e suas batas coloridas; orientais de diversos formatos de olhos rasgados; lourões e louraças de seis pés e meio de altura; morenos de todos os tons do cobre e do bronze; mochilas e bastões de caminhada de todos os modelos disponíveis no mercado; vestimentas, perfis e silhuetas humanas exóticas e chamativas por toda parte – e assim por diante. As meninas estiveram em Fátima e quase não puderam andar nas ruas, nos cafés e na grande esplanada, dada a massa de gente que tinha tido a mesma ideia de ir até ali. Em Lisboa, a mesma coisa. Nos aeroportos que frequentamos, nominalmente Porto e Lisboa, a sensação era de se estar numa Meca em dia de Ramadã, só que profana e multicolorida.

Tudo muito divertido sem dúvida, mas só até certo ponto, pois na hora em que se precisa de alguma informação ou simplesmente de se tomar um café ou uma água, a (o)pressão da multidão se mostra nítida e nos obriga muitas vezes a reconsiderar a ideia. O mesmo para se verter um prosaico xixi. No princípio achei que eram as férias europeias ainda em vigor, mas depois vi que não. Em meados de setembro já tinham acabado. Mas mesmo assim aquela baita multidão estava ali, ocupando cada metro quadrado disponível, atrás de bolinhos de bacalhau, pastéis de nata, taças de vinho, igrejas, mosteiros e obras de arte, além do que mais houvesse. E para servir a essa gente circula em volta outra multidão mais morena e mais baixinha, formada por indianos, bengalis, brasileiros, orientais e sabe-se que outros tipos de gente.

Um brasileiro certamente quer saber qual o segredo dessa catarata de euros, dólares e empregos que o turismo traz. Acho que é simples: planejamento, em primeiro lugar. Mas também segurança a quem chega, tradição receptiva, relações cidadãs. Mas principalmente seriedade e compromisso de quem governa o país, tendo como pano de fundo cidadãos-eleitores que compreendem e valorizam isso. Simples assim.

Ê VIDA DE GADO...

Apesar dos elogios que tenho a fazer sobre o país, não posso negar que vi gente sendo tratada como gado em Portugal. Não! Não me refiro à gente mais pobre, como os africanos, brasileiros, indianos e orientais em geral. Estes certamente estão inferiorizados frente ao padrão de vida que está disponível ao cidadão português, de classe média afluente para cima. Mas não é realmente destes que falo aqui. Refiro-me, pasmem, a nós próprios e muitas outras pessoas que transitam pelos aeroportos do país. Gente que carrega Euros nos bolsos.

Aliás, para ser justo, esta não parece ser uma questão só portuguesa. Na França, quando lá estivemos no começo do ano, vimos a mesma coisa. Um bom exemplo foi o embarque na companhia aérea *low-cust* Ryanair, em voo do Porto a Marselha. As pessoas enfrentam filas, muitas filas; até aí tudo normal. Mas são filas que se acumulam sobre filas, com passagens sucessivas em verdadeiros currais de gente, onde se espera, por intermináveis minutos, que sejam tangidas (o termo que encontro é este mesmo...) ao próximo cercado. Onde tornam a esperar. Sem que qualquer explicação, por contato direto ou autofalante, mesmo no tom mecânico e estridente que costuma ser utilizado nos aeroportos. E uma parte de tal percurso ao ar livre, às seis horas da manhã, com a temperatura próxima a zero graus centígrados. O acesso das boiadas aos currais da JBS aqui no Brasil, por exemplo, certamente não fugiriam muito disso – talvez com a temperatura mais amena, apenas.

Nem falo do ambiente das aeronaves, velhas e meio sujinhas, transformadas em verdadeiro shopping de quinquilharias, nas quais o mínimo que se oferece são informações sobre as condições do voo. Se você quiser

beber água, tem que esperar o próximo vendedor, digo, comissário de bordo passar por você e lhe atender – se ele não estiver muito ocupado com alguma entrega de perfume ou cigarro eletrônico. Dois euros e meio lhe serão cobrados pela garrafinha e você deve dar graças a Deus se a maquininha estiver funcionando e se seu cartão for compatível. Dinheiro, ali, só virtual. Mas disso não reclamo, pois não se poderia esperar muita coisa de uma passagem que nos custou menos de 50 Euros.

Na viagem de volta, trecho de Porto a Lisboa, percurso que fomos obrigados a fazer apenas porque tínhamos comprado a passagem com embarque naquela cidade e não na capital do país, sendo que era para lá que nos dirigíamos para pegar o voo da TAP para o Brasil, enfrentamos a maior fila – centenas de metros! – que até então eu tivesse frequentado (e creio que minhas companheiras também). Felizmente andou depressa, não passou de 40 ou 45 minutos, mas ao longo de todo o longo percurso, que dava voltas no amplo saguão do aeroporto, não havia qualquer tipo de informação disponível ou pelo menos um funcionário uniformizado, no padrão *posso-ajudar*, para dar cobertura às pobres rezes ali aglomeradas. Fico pensando se isso aconteceria também nos aeroportos dos países mais ricos da região, Paris e Londres ou Roma, por exemplo. Pelo visto, sim.

O que sei é que tal *vida de gado* hoje parece estar totalmente incorporada ao modo de viajar em todo o mundo.

Na volta ao Brasil tivemos a alegria de sermos tratados com informações precisas, a tempo e a hora, e até com certo carinho pelo jovem funcionário da Gol no aeroporto de Recife, o que pelo menos nos deu a impressão, entre tantas outras, que algumas coisas

são melhores no Brasil do que na Europa. E olha que temos muitos problemas, também nos aeroportos.

Resumo da história, citando Zé Ramalho: o povo que viaja é um *povo marcado*, mas não deixa de ser *um povo feliz*. Mas de minha parte, admito, aspiro a algo melhor. Confesso que tenho saudades do tempo em que os aeroportos eram apenas lugares onde se ia para pegar um avião, não estes shopping-centers frios e desumanizados, em feitio de labirintos e exalando perfumes que me matam de dor de cabeça, como vimos em Lisboa, Paris, Roma e Porto, assim como por toda parte. Mas atenção: longe de mim achar que essa farra de “até empregada doméstica voar para Miami” é coisa negativa. Mas, *pelamordedeus*, os aeroportos deveriam ser mais humanizados, isso bem que deveriam!

ENTRE A CRUZ E A ESPADA

A narrativa seguinte, sobre Óbidos e Batalha, não traduz diretamente a visita que Keta, Helaine e Iris fizeram a estas localidades. Eu não estive presente desta vez, mas sim antes. Assim, falo aqui da minha visão admirada sobre estes monumentos da história e da arquitetura portuguesa.

Óbidos, testemunho extraordinário dos quase mil anos da história de Portugal, lugar em que a Cruz e a Espada toda a vida se entrelaçaram e ainda se fazem presentes.

No caminho, o que domina a paisagem são os enormes “ventiladores” das usinas eólicas, geralmente no alto das colinas. Esta imagem, para os mais puristas, talvez macule a paisagem, mas como tais moinhos são ainda relativa novidade para nós, brasileiros, acrescentam valor ao cenário, sendo tão enxutos no *design* e suaves em seu movimento, sem falar de sua habilidade em gerar energia limpa. Um Dom Quixote, ressuscitado aqui, ficaria certamente abismado com a dimensão de tais gigantes. A proximidade com o litoral faz com que sua matéria prima, o vento, não falte. A contemporaneidade de fato domina a paisagem e nem se pode imaginar que se chegará, em breve, ao epicentro de uma zona de fortificações, igrejas, mosteiros e aldeias históricas, alguns com quase mil anos de idade.

É quase incrível que uma fortaleza medieval possa se fazer presente dentro de um cenário tão marcado pela modernidade. Mas a presença da velha cidade logo se anuncia no alto de uma colina, que mostra a linha recortada por seteiras de uma muralha. Muito mouro ou espanhol passando por aqui em séculos passados

deve ter pensado duas vezes e relutado antes de enfrentar as alabardas e as balestras lusas...

Ao adentrar à vila, cabe saborear, passo a passo, cada movimento. É forçoso não economizar adjetivos: o que se vê é simplesmente esplêndido! Logo no pórtico da muralha um recesso com um grande painel de azulejos se apresenta, bem português. Logo adiante se percorre as vielas de Óbidos, a Anciã, com suas duas ou três ruas longitudinais e diversos becos transversais. E casas bem sólidas, sem deixarem a modéstia de lado, quase sempre com pintura imaculadamente branca e barrados, cantoneiras, portas e janelas em azul ou amarelo. Poucas igrejas, duas ou três, não mais. Para as rezas em favor d'El Rey e contra os mouros e castelhanos já seria o bastante.

Ruazinhas movimentadas, com as cabeças louras e ruivas e o porte avantajado dos passantes, a mostrar que aqui há muito mais do que portugueses de nascença. Brasileiros também, como essas três meninas a turistear, claro. Bares, cafés, pequenos restaurantes, em profusão.

Mas há que se buscar alguma informação adicional sobre a cidade. Seu nome deriva do termo latino *opidum*, com significado aproximado de cidadela ou cidade fortificada. À época dos romanos ali havia um lugar denominado Eburobricio. É antiguinha portanto, pertencendo aos Mouros até 1148, sendo depois elevada a cidade do recém criado reino de Portugal, cerca de 1195.

Batalha: aqui a cruz cede lugar à espada? Nem tanto... O grande mosteiro foi mandado construir por D. João I, em agradecimento à Virgem, pela vitória lusa na Batalha de Aljubarrota, contra os castelhanos, em pleno século 14. Foram quase 150 anos de obras,

deixadas ao final sem acabar. Estamos em uma cidade simpática e moderna, cuja grande atração foi e continua sendo o Mosteiro e a Igreja correspondente – e nada mais. A construção, mais uma vez, é monumental, para não dizer megalomaníaca. É toda feita em pedra calcária avermelhada, bastante oxidada pelo tempo, o que lhe dá um tom escuro e sombrio. Nada de sobriedade ou de austeridade. É tudo *over...* A igreja é magnífica, com seus pilares de pedra lembrando um pouco os de Alcobaça, mas diferenciando-se de lá pelos adereços barrocos. Os vitrais são de arrepiar, projetando no chão as cores de seus vidros, nos quais os verdes, azuis e vermelhos são especialmente fúlgidos. A maior atração é a “capela imperfeita”, na verdade inacabada, em círculo, com recessos para altares em diferentes estilos de verdadeiros bordados em pedra ou estuque.

FÁTIMA

Informação para curiosos: este lugar, com todo seu catolicismo, tem seu nome – Fátima – proveniente da influência moura na região, sendo o nome de uma princesa muçulmana. Nota pessoal: o chamado *Milagre de Fátima* marcou minha infância, não tanto pelas visões de anjos e da Virgem, em si, mas pelos terríveis segredos que a Santa teria confiado às crianças, entre os quais (alguém me colocou isso na cabeça) estava uma previsão do fim do mundo. E isso era o que mais me assustava naquela época, com a Guerra Fria já em curso a toda hora arriscando transformar isso em realidade.

A história, por demais conhecida, tem início em 1916, quando três *pastorinhos* pobres e analfabetos, Lucia e seus primos Francisco e Jacinta, da família Marto, tiveram uma série de visões quando pastoreavam as ovelhas da família. Primeiro viram um anjo, por algumas vezes; em outras ocasiões posteriores a própria Mãe de Jesus Cristo. As descrições, mais tarde relatadas por escrito por Lucia, que se alfabetizou, são um primor de imaginação, falando em *branco de neve, luz resplandecente, corpos transparentes, movimentos do sol, imagens no céu* e coisas assim. Tudo isso visto apenas pelas crianças, não por outras pessoas. A aparição principal ocorreu em 13 de maio de 1917 e na ocasião foi prometido um milagre para outubro, para o qual uma multidão calculada em 50 mil pessoas esteve presente. Em maio só os três pastorinhos sabiam da história – seis meses depois uma multidão ávida os acompanhava.

Com todo respeito, há muitas controvérsias sobre tais acontecimentos, mesmo dentro da Igreja Católica, desde a época e inclusive atualmente. *Farsa, má fé, exploração e manipulação* são algumas das palavras

com que os detratores do fenômeno usam para qualificá-lo. Ainda hoje, mesmo fontes católicas relutam falar na ocorrência de uma *aparição*, preferindo uma palavra mais adequada ao fenômeno: *visão*.

Sabendo disso apenas por alto, fomos lá, Keta e eu, em nossa viagem de do começo do ano. Eu, confesso, com o pé atrás e munido apenas de minha curiosidade laica e *antropológica*. Henriqueta bem calçada por sua generosidade e curiosidade espiritual e também, por que não dizer, sua invencível *crença na humanidade*.

A cidade fica nos altos de uma “serra” (para o padrão português), dita *do Aire-Candeeiro*, na qual a paisagem é dominada por formações rochosas, placas de pedra empilhadas que parecem até obra de algum gigante caprichoso. A chegada a Fátima surpreende, porque o que se espera seria algo como uma enorme igreja no meio do mato. Mas é na verdade o que se vê é cidade moderna, com ruas largas e movimentadas, boas construções, pistas de corrida e caminhada, academias de ar livre, parques, prédios de apartamentos aos montes, uma estação rodoviária ajeitadíssima e movimentada, além de um comércio pujante, principalmente de artigos religiosos, como não poderia deixar de ser.

Mas por mais que se espere alguma grandiosidade, o que se vê ali supera qualquer expectativa, com aquela esplanada imensa, onde caberiam três ou quatro campos de futebol, e em cada extremidade da mesma duas igrejas ciclópicas, uma, a antiga, em padrão mais clássico, talvez neoclássico e outra moderníssima e descomunal, circundada por altas paredes, que lhe dão aspecto de ginásio de esportes, mas sem dúvida de linhas harmoniosas. De entremeio, na grande esplanada, estátuas de papas, de anjos, de santos. Não

há lugar para assentar, a não ser o chão. A igreja antiga se prolonga pelas laterais por corredores entre arcadas, abertos para o grande pátio, com paredes recheadas de pinturas religiosas. Em uma lateral há uma capelinha modesta, de alvenaria, que marca o lugar onde a visão principal, em 1917, aconteceu.

Em Fátima se respira espiritualidade e devoção, extremadas, em estilo católico pré-modernização da Igreja, como bem acontecia em séculos passados, seja em Portugal como por toda Europa. Coisas semelhantes, aliás, se veem também em outros países e o caso de Aparecida do Norte, no Brasil, é bem típico. Em Fátima, com certeza, toda a população respira e vive de religião, mais exatamente da venda de artigos variados ligados ao culto *mariano*, havendo de tudo por lá, desde panos de prato até imagens em tamanho quase real; de rosários em formatos diversos até objetos de cozinha e roupas. Mas o que chama atenção, sem dúvida, é o turismo, que põe suas marcas por todo lado, seja pelos autocarros (ônibus) luxuosos, vindos de toda parte, inclusive de outros países, pelo comércio e pela miríade de restaurantes, pousadas e hotéis.

A visita atual, da trinca de meninas, teve um aspecto completamente diferente da anterior, feita apenas pelo casal Keta e Flavio. Era então inverno e a presença de peregrinos e turistas era muito reduzida. Agora, em setembro, tudo havia mudado: havia milhares deles, por toda parte, a congestionar os transportes, centros religiosos e estabelecimentos comerciais.

Além da visita à grande esplanada ainda há o passeio obrigatório a Aljustrel onde viveram os meninos Lucia, Jacinta e Francisco, mas Keta, Laine e Iris não puderam fazer isso nesta viagem. Ali, a apenas 2,5 km, há estátuas, capelinhas e alusões religiosas em toda parte, inclusive um bonito monumento em provável

estilo art-deco (belo, de verdade!), que mostra as três crianças em atitude de veneração, olhos postos no céu, mas curiosamente sem a presença da visão que tiveram.

Nossa Senhora de Fátima que proteja este meio-herege que ora escreve. Mas devo dizer que embora a visita a um lugar como este não possa passar impune, aos céticos como eu, o que se vê por lá é muito estranho e até suspeito, sem deixar de ser, ao mesmo tempo, muito real e provocativo. Mas vamos lá, sem querer confundir religião com política, é preciso reconhecer que tal mistura esteve presente na história local desde sua etapa inicial e durante todo o tempo. Em 1917 a República estava recém proclamada em Portugal e uma de suas primeiras medidas foi a separação entre Igreja e Estado, associação umbilical que neste país tem tradição milenar. O mundo veio abaixo, então. A República andava mal das pernas e a Igreja reagiu à altura, conseguindo até mesmo uma declaração condenatória aos republicanos recém chegados ao poder, por parte do Papa da época, Pio X. Daí, é quase impossível imaginar Fátima sem encarar tal tipo de influência. Pouco depois, veio Salazar, um carola de marca maior, em um golpe de Estado e a polêmica contrária a Fátima se desfez dentro da própria Igreja Católica, passando o fenômeno das visões dos pastorinhos a constituir, ele próprio, uma espécie de patrimônio, ao mesmo tempo do Estado e da Religião. E de lá para cá o culto e a força daquilo só tem crescido.

Resumo da ópera, pelo menos na visão deste que narra. Em nossa visita de março de 2022, Keta, em seu *drive* espiritual, se mostrou reflexiva e recompensada pelos acontecimentos do dia. Já eu, me detinha em encontrar explicações mais *materiais* para algo daquela magnitude. Para mim, talvez o mais simples

seria buscar apoio nas teorias de contestação dos *milagres de Fátima*. Mas isso não me satisfazia inteiramente, porque tinha visto algo maior do que meros milagres não comprovados, mais concreto do que aqueles monumentos, para além da manipulação de padres. Minha conclusão foi, então, de que o grande *milagre* ali acontecido era e continua sendo a Fé das pessoas. Não sei se ela seria capaz de remover alguma montanha, mas certamente se mostrou capaz ali de dar vida a uma realização material e simbólica extraordinária.

Percebi assim com a concordância de minha companheira, que a Fé (assim com maiúscula) é com certeza, para o bem e para o mal, intensamente capaz de criar realidades. Pessoalmente, tenho dúvidas se a humanidade seria melhor sem ela. Mas não duvido que o fenômeno das multidões que acorrem àquele lugar é realmente o mais autêntico dos milagres, que influencia todos que ali vão ou mesmo que oram a distância em nome da Virgem. Algo que liga as pessoas e garante forças para suas buscas e superações. Além disso, Keta me lembra, não se deve misturar o conceito de Fé, uma energia interior de conexão, com Religião, que pode muito bem representar apenas dogmas criados para manipular e dominar as gentes.

Sempre caberia discutir se o que domina a cena em Fátima seria, de fato, apenas *religião* ou, quem sabe, uma alta e refinada *espiritualidade*. Ou pelo menos uma mistura dessas duas forças. Campo aberto para opiniões.

VILA DO CONDE (E DE MUITAS BELEZAS)

Querem saber de um lugar que tem história? É esta Vila do Conde. Nossa viagem começou por lá, depois de uma breve parada no Porto. Mas antes de prosseguir, relativizemos: afinal, neste país, tudo tem muita História para contar.

Mas nos arredores daqui veio ao mundo Alexandre de Albuquerque Rodrigues da Costa, o pai de Helaine e Henriqueta. É este o personagem cuja história representou o foco da nossa visita.

Recorrendo aos alfarrábios, essa tal Vila do Conde é um *Concelho* (município) pertence ao distrito do Porto, distando 18 km da sede, com cerca de 80 mil habitantes, tendo como limites as cidades de Póvoa do Varzim (com a qual sua mancha urbana conflui), Trofa, Maia, Matosinhos e Famalicão, além do Oceano Atlântico. E é antiga esta Vila, muito antiga, remontando ao ano de 953, antecedendo, portanto, à própria história do país. Bem romanesca é a sua história, fazendo parte do romance entre um certo Dom Sancho e sua amada Dona Maria, como prenda de noivado. Depois disso, uma tetrâneto de Dona Maria, Teresa e o seu marido Afonso Sanches, filho ilegítimo do rei D. Dinis, fundam o Real Mosteiro de Santa Clara, em 1318. Assim é quase tudo em Portugal.

O detalhe mais significativo é sua localização, na foz do Rio Ave, calmo e límpido, o que a transforma numa cidade praieira e turística das mais procuradas em Portugal. E ali se estando, cabe obrigatoriamente subir a colina onde se situa o magnífico Mosteiro das Clarissas, bem no centro histórico da cidade, para dali apreciar a referida foz, no final de uma bela curva remansosa do rio e ainda, dependendo do horário, também assistir um esplêndido pôr do sol em meio ao

oceano. Isso sem esquecer do formidável aqueduto que termina no Mosteiro e atravessa uma vasta planície, com quase 20 km de extensão.

Mas tem mais: dali se avista o núcleo histórico da cidade, que é relativamente pequeno, no qual se destacam as tradicionais construções de telhados vermelhos, prédios de várias eras, torres pontiagudas de diversas igrejas. Descer e andar pela beira da praia nos trará outras surpresas, por exemplo, percorrer o Parque do Castelo, ao lado de uma marina colorida e movimentada. Mais adiante se chega a uma verdadeira joia: o outeiro onde fica a capela de Nossa Senhora da Guia, com sua cúpula redonda, paredes nuas e uma bela vista sobre o rio e o mar defronte.

E não acaba por aí: no caminho uma caravela autêntica, embora contemporânea, aberta à visitação, para lembrar a tradição da cidade na fabricação secular de tais naves. Na calçada rente a ela, assistimos a uma inesperada apresentação de capoeira, na qual a maioria dos *jogadores* eram crianças – e portuguesas.

Mais adiante, numa caminhada mais extensa, estão as praias de areias claras, com muitas dunas e passarelas de madeira, circundadas por prédios de apartamento e residências típicas de veraneio, em um padrão que lembra muito as cidades praieiras do Brasil, salvo pela baixa altura dos edifícios, que ali não passam de quatro ou cinco andares, no máximo. Além do esmero na coleta de lixo, também.

Um bom começo de viagem, portanto. Vamos em frente.

UMA ALDEIA CHAMADA TOUGUINHÓ

A Aldeia da vez é esta, neste mesmo *concelho* de Vila do Conde. Atenção não é *toquinho* nem *tanguinha* e muito menos *touquinha*, é Tou-gui-nhó, assim, oxitonomicamente. A razão de este nome tão estranho fui encontrar na Wikipedia: ele vem de um mandatário romano chamado Toguino, o que já coloca mil anos de história, ou mais, também neste lugar.

Nela nasceu Alexandre Albuquerque Costa, o pai de Henrique e Helaine e é por isso que resolvemos visitá-la. A viagem de ida já começou com peripécias, não por falta de sinalização das estradas, mas por excesso da mesma. Nas proximidades, Vila Nova de Famalicão e Trofa. Juntando com Touguinhó, são realmente estranhos estes nomes que os portugueses dão às suas localidades.

Da outra vez que ali estivéssemos, Keta e eu, em fevereiro de 2022, depois de muitas idas e vindas nos surpreendeu o fato de que em certo trecho da autoestrada havia uma placa indicando exatamente Touguinhó. Para sinalizar apenas uma Aldeia, que nem fazia parte dos mapas, achamos um exagero uma placa como aquela, ainda mais em autoestrada. E ali estávamos de novo, em estrada ladeada por boas residências em padrão bem urbano. Adiante, um grande hospital e uma rotatória com indicações diversas de lugares. Para nós, na ocasião, a pequena Touguinhó de Alexandre já tinha se acabado, ou fora engolida pela urbanização intensiva. Mas felizmente estávamos enganados. Eis que vimos uma entrada estreita à beira da rodovia, entre duas casas, sem maior sinalização. Por ela entramos e logo o panorama era outro: ruas estreitas, curvilíneas, muros de pedra, casas idem, quintais com videiras e oliveiras, algumas

ovelhas pastando, inclusive nas ruas. Pronto, a Touguinhó de Alexandre ainda respirava!

Na presente ida foi tudo mais fácil, pois já conhecíamos o roteiro e assim adentramos à pequena vila justamente em seu monumento mais simbólico: a linda igreja de Santo Antônio (ou António, como eles dizem e escrevem).

Pelas lembranças das filhas, em conversas com o pai e uma tia, havia um riacho no qual moinhos giravam suas rodas – ou seriam pás ao vento? Na parte mais baixa do território parecia, de fato, correr uma água, embora agora aparentemente domada pela engenharia moderna. Além das ovelhas, a marca rural, perceptível inclusive pelo odor, era trazida por um galpão nos limites do casario, onde algumas vaquinhas confinadas, muito bem nutritas por sinal, comiam placidamente sua ração. Pouca gente na rua, aliás, ninguém àquela altura do dia. Ali de fato pudemos apreciar o “Portugal profundo” que nos encantava desde outro momento.

Na primeira ocasião, já tínhamos visto a igrejinha barroca, toda em pedra e paredes caiadas, com torre, sino e tudo. Um delicadíssimo altar e azulejos nas laterais. Na ocasião, dois paroquianos erguiam um painel alusivo a uma festa religiosa próxima. Ao lado da pequena avenida que chegava até a igreja, duas fileiras de casas antigas e muito bem cuidadas, com santos de azulejo, roseiras nos jardins e videiras nos quintais, de acordo como figurino. Além disso, um cemitério vetusto, que só não visitei na primeira vez, por razões que explicarei a seguir. Aquele Portugal profundo e marcante estava bem ali à nossa frente e ficamos contentes por estarmos imersos naquela atmosfera.

Para dizer tudo em uma só palavra: *emoção!* Foi o que nos tomou o corpo e o espírito ao longo daquela hora de contato com o lugar, nhas duas vezes em que lá estivemos. Pudera! Estar naquela igreja onde a avó, que tinha o mesmo nome de Keta, participava de suas novenas, antes de migrar para o Brasil, onde Alexandre possivelmente recebera sua primeira comunhão, naquelas ruas onde aquele menino deve ter pastoreado ovelhas, brincado e colhido frutas em pomares, lugar onde tantos sonhos foram sonhados e nem todos puderam ser cumpridos, em troca de uma insólita viagem a um país desconhecido. Muita história havia ali. Não seria, de fato, um lugar qualquer, para ser visto em nuvens brancas. Acho que nós conseguimos captar um pouco desse significado, feito de alegrias e tristezas. Foram momentos de pura emoção, ao lembrar que como o pobre Alexandre Costa teria ficado feliz se pudesse ter retornado àquele lugar, ele que partiu desta vida aos escassos 54 anos de cidade, sem ter tal chance.

Penso que Alexandre teve sua memória bem honrada. E assim carregamos dali a sensação e o bem estar que o culto aos antepassados, que é também uma homenagem à vida, pode trazer, principalmente se a alma não é pequena.

Voltaremos, com certeza.

A DAMA DO CEMITÉRIO

A aldeia ancestral de Keta e Helaine foi percorrida a pé por nós. Como convinha, aliás, dada a singeleza e o significado especial do lugar. Na rua principal, que deságua defronte à bela igreja de Santo Antônio, existe um cemitério. Proximidade que, aliás, se vê na maioria das cidades, em toda parte, representando, sem dúvida, uma tentativa de aproximação das almas dos moradores perante Deus-Padre.

Pois bem, a tendência natural de minhas companheiras foi passar de liso. Mas eu não, eu gosto de apreciar este tipo de lugar. Não creio que seja uma coisa mórbida. Pelo contrário, isso para mim representa apenas uma maneira de conhecer um pouco mais os lugares por onde ando. Saber, por exemplo, que tipo de pompa arquitetônica dedicam aos mortos, os nomes e sobrenomes dos que ali habitam, quanto tempo passam pela vida etc. E naquele cemitério de Touguinhó, em especial, eu procurava pelos moradores de sobrenomes Albuquerque, Costa e Rodrigues, possíveis antepassados de Alexandre, o pai de Keta e Helaine. Ou seja, elas teriam até mais razões do que de estar ali, mas certo temor atávico que algumas pessoas, elas especialmente, possuem em relação a estes lugares, fez com que elas recusassem o meu convite para entrar naquele recinto.

Andava eu, então, pelas vielas entre os túmulos, aliás, muito bem conservados e floridos, já tendo avistado uma boa dúzia de tabuletas sobre os nomes de família que eu procurava, quando reparei que eu não estava sozinho ali. Não, não era nenhum fantasma, mas apenas uma senhorinha dos seus oitenta anos, que aparentemente visitava algum parente ou amiga ali recolhida.

Aproximei, me apresentei, falei de minhas companheiras de origem lusa, expus o motivo da minha presença ali, ela logo quis saber mais informações sobre os nomes que eu procurava e assim... bingo! Com mais algumas perguntas sobre os Albuquerque-Rodrigues-Costa, que eu nem soube responder com certeza, ela me apresentou a uma ampla representação dos mesmos ali no pequeno cemitério de Touguinhó. Alice, era seu nome.

Eu precisava convocar as pessoas diretamente interessadas no assunto, a ocasião valia muito, mas elas já estavam longe. Ao que parece, queriam distância do lugar, não se moveram quando eu lhes chamei de longe, mas não esmoreci. Fui atrás delas e as trouxe praticamente pela mão até o cemitério, com alguma relutância delas, devo admitir.

E então fui testemunha de uma desses encontros memoráveis. Com o esclarecimento de alguns nomes e relações de parentesco, que eu desconhecia, foram assim revelados e visitados, um a um, os diversos endereços dos Albuquerque, dos Rodrigues e dos Costa no cemitério da vila. E mais ainda, parentescos com outras famílias de moradores foram também revelados.

Como se não bastasse, Alice guiou as irmãs Camarotti-Costa até a residência da última provável representante do clã paterno ali em Touguinhó. A qual, diga-se de passagem, não se mostrou muito amistosa com as visitas (que aliás acabaram por se manter apenas na calçada, por falta de convite para adentrarem...), temerosa, talvez que aquelas parentes brasileiras tivessem atravessado o oceano em busca de alguma possibilidade de herança. Mas aquilo era apenas uma viagem sentimental e dona Alice nos caiu do céu para completar o quadro.

Nos cemitérios às vezes se abrigam boas surpresas...

BRAGA, A RELIGIOSA

A cidade de Braga nos abrigou por três dias, embora Keta e eu tenhamos relações mais antigas e mais duradouras por ali. Falemos dela. É cidade antiga pra valer, remontando sua fundação a décadas anteriores ao nascimento de Cristo, sendo denominada de *Bracara Augusta*, para homenagear o imperador romano da época, Augusto.

Para os padrões portugueses é uma cidade grande, com 250 mil habitantes, a terceira do país, aliás, depois de Lisboa e Porto. Mas o que chama mais atenção é o seu *espalhamento*, com uma mancha urbana que se estende por muitos km ao redor de seu centro histórico. Quando se vai ao Porto, por exemplo, situado 60 km ao Sul, tem-se a sensação de se estar numa única rua, com casas para todo lado, principalmente se a viagem é de trem. No rumo de Barcelos, onde também estivemos, idem, da mesma forma que na estrada para Guimarães. No rumo de Ponte de Lima, pelo menos ao longo da estrada dita “nacional” (N-101) é a mesma coisa.

Embora longe de apresentar uma história pacífica, Braga é fundamentalmente uma cidade da *Cruz*, mais do que da *Espada*. É sede de bispado desde o quinto século, com domínio cristão permanente, salvo rápidos assédios dos mouros. A contemplação de Braga de qualquer de seus pontos mostra sua marca registrada: torres de igrejas por todo lado. E a sensação é também auditiva, pois tem sempre um sino tocando na cidade, inclusive bem nas vizinhanças de onde nos hospedamos, apartamento de nossos amigos Eduardo Guerra e Célia, de onde se avista a torre da igreja de São Vicente, considerada uma das obras primas do barroco português.

Aliás, o Barroco é uma marca da cidade, visível não só nas igrejas como em muitos edifícios públicos e particulares. Nós mineiros (e também os pernambucanos, como Keta e Laine) que de certa forma convivemos com o barroco em nossas cidades históricas, como Ouro Preto e Olinda, por exemplo, não chegamos a estranhar muito tal ambiente. Mas eu, curioso e intrometido que sou, vejo algumas diferenças entre o “nossa” barroco e o deles. Que me deem luzes os arquitetos da família, se estiver errado. E para mim a grande diferença é: o nosso é mais colorido... Com efeito, em Portugal predominam as construções que utilizam de forma mais intensiva a pedra, principalmente na forma de cantoneiras, alicerces e beirais de janelas. Embora as paredes sejam quase sempre brancas, o aspecto é mais sóbrio, sem deixar de ser atraente. Já no Brasil a pedra é substituída pela madeira, que para ser conservada recebe pintura, geralmente colorida. Em Diamantina e Olinda isso é marcante. Salvo melhor juízo, claro.

Andar pelas ruas de Braga é uma delícia e fizemos isso muitas vezes. Chegamos a ponto de identificar facilmente as ruas e praças pelo nome, criando com elas uma familiaridade que até parecia ser a de moradores antigos. Não há grandes ladeiras e as ruas e calçadas são bem lisas, quase sempre calçadas nas tradicionais pedras cúbicas pretas, brancas e rosadas, de diversos tamanhos. O clima, agradável agora nesta época do ano, mostrava-se frio para os mais sensíveis em janeiro e fevereiro, mas bater perna por aquelas ruas é sempre agradável aos sentidos.

A lista de monumentos a visitar é das mais completas, aí incluídos, como mais chamativos, o Solar dos Biscainhos, o Palácio do Raio, as Arcadas, o Paço Episcopal, a Santa Casa de Misericórdia, o Museu de

Arqueologia, as Termas Romanas, a Porta Nova, a Torre de Menagem, além das igrejas da Sé, dos Congregados, de Santa Cruz, de São Tiago (a quem requeremos especial proteção), do Pópulo, de Nossa Senhora da Torre, de São Vicente, de São Paulo, de Guadalupe, da Ordem Terceira, além de muitas outras.

No capítulo das igrejas, não há como escapar de citar duas delas: Bom Jesus do Monte e Nossa Senhora do Sameiro. Aliás, são bem mais do que igrejas ou santuários, antes imensas catedrais-monumentos da fé católica, frente aos quais não deixa de nos perpassar um sentimento de certo desconforto, diante de seu exagero e do caráter verdadeiramente de competição que se estabeleceu entre as duas obras. Ambos os santuários foram erguidos no topo da serra que rodeia a cidade de Braga, a poucos km um do outro, podendo ser vistos de toda parte e igualmente permitindo, a partir deles, uma visão abrangente de toda a região. Bom Jesus é mais antigo e sua marca principal é dada pelos elementos barrocos, presentes não só em sua igreja, mas também na estatuária, nas capelas e outros prédios anexos, bem como nas famosas escadarias. Sameiro já é obra do século XX, dentro de uma arquitetura mais eclética onde abundam elementos decorativos diversos, alguns de gosto meio duvidoso e inclusive obeliscos de concreto e uma escadaria demasiadamente ampla, mais parecendo um estádio de futebol. Alguma coisa ali lembra as obras da arquitetura monumental fascista da primeira metade do século passado. Mais uma vez salvo melhor juízo, eis que não sou arquiteto...

Visitar tais lugares é um programa obrigatório, mesmo quando suscitam alguma crítica ética ou estética, pois constituem marcas relevantes não só de uma época, como de uma cultura. Como vimos em Fátima,

julgamentos sobre o que representa a Fé das pessoas e sua capacidade de realizar empreendimentos condizentes, não é tarefa fácil e nem conveniente. Melhor calar, pois a Fé vale por si mesma; é para ser sentida, não propriamente analisada ou comentada.

ESTRADAS PORTUGUESAS

As estradas portuguesas... Situação frequente nelas – e também nas cidades – é a gente encontrar placas divergentes, às vezes até uma ao lado da outra, mas apontando em direções diferentes... para o mesmo lugar. Muita calma nesta hora! A questão é a seguinte: primeiro porque existem lugares demais neste país, um pequeno pedaço de terra onde há dois ou mais milênios os habitantes humanos foram organizando, desorganizando e retalhando o território. E existe uma tal profusão de localidades, que algumas delas não são chamadas nem de vilas, municípios, cidades ou mesmo de freguesias: são simplesmente um “lugar”, sucedido por algum nome de família, de pessoa ou mesmo daquela louca e criativa semântica que às vezes dá luz a nomes como Famalicão, Esposende ou Freixo de Espada à Cinta.

O segundo motivo das placas divergentes é porque realmente existem vários caminhos para se chegar a algum lugar, desde as pequenas e bucólicas estradas vicinais (nossas prediletas) até as *autobahns* estilo União Europeia, tendo de entremeio as rodovias nacionais, mais singelas do que essas e mais amplas do que aquelas. As tais placas, assim, podem apenas estar apontando duas opções para se chegar ao mesmo lugar, que naquele ponto se acessa em direções contrárias. Mas não espere que junto a isso venha a indicação de qual é a via mais adequada. Depois vimos que às vezes (mas nem sempre) havia um pequeno ícone abaixo de uma das tais placas, indicando que ali era o acesso à autoestrada: este aqui .

E ainda por falar em estradas, fazer xixi em viagem é um verdadeiro dilema em Portugal. Nas estradas pequenas geralmente não há pontos de parada, tipo postos de gasolina ou mesmo cafés e lanchonetes,

embora existam casas por todo lado. Assim, a não ser que você resolva bater em alguma porta e pedir para usar o banheiro, nada feito. Nas estradas grandes, do tal padrão europeu moderno, os postos de gasolina aparecem a cada 70 ou mais km, de maneira que pode ser que se você acabou de passar por um deles, inadvertidamente e algo já lhe incomode no baixo abdome, é bom lembrar que o outro lugar como este vai demorar a aparecer. Se sua opção é procurar uma simples moitinha, como a gente costuma fazer aqui no Brasil, nem pensar, desista, pois ali as estradas, mesmo pequenas, quase sempre são cercadas de fora a fora, não havendo como saltar sobre a barreira de aço ali colocada. A não ser que você seja um atleta olímpico. Quem é, como este que escreve, portador de bexiga pequena e renitente, deve se preparar para tais injunções fisiológicas.

Depois de andar bastante pelo país, pude escolher a minha estrada predileta, em percurso que fiz na presente jornada, em companhia de Keta, Laine e Íris. Trata-se de uma das vias ditas “nacionais” (N) que se dirige de Viana do Castelo a Ponte de Lima e mais além. O que tinha de especial? Tudo! Estreita, curvilínea, serpenteando entre áreas de florestas, pinheirais, eucaliptos, plantações de parreiras, oliveiras e hortaliças. Casas de diversos estilos, mas sempre claras, bem conservadas e sólidas. Ovelhas e cabras aqui e ali, quase nunca gado mais avantajado, como vacas e cavalos. Subidas e descidas na medida. Nos primeiros km o rio Lima nos faz companhia logo ao lado, mas logo é deixado para trás, para ser retomado já próximo ao destino, não mais do que 40 km adiante. E por todo lado as construções típicas do campo português: casas brancas, celeiros, pequenos silos e currais, bem minimalistas. E a vantagem de se ter

pouco tráfego, que é dirigido preferencialmente à autoestrada que lhe corre quase paralela.

É até com certo pesar paradoxal que se chega a Ponte de Lima, porque as atrações certamente continuarão, mas torna-se forçoso abandonar tal via graciosa para acessar o verdadeiro objetivo da vagem.

E para não cometer injustiça no quesito referente a estradas, cabe uma lembrança também para os 40 ou 50 km que separam Ponte da Barca (linda cidade) de Vila Verde (que faz jus ao nome, mas não é tão linda como a outra). Belíssima via entre montanhas, praticamente uma longa e curvilínea subida de um lado, com sua imagem invertida do outro. E verde, muito verde. É coisa inesquecível trafegar por ela.

DE VOLTA A PONTE DE LIMA

Aqui uma carroça; mais adiante ovelhas; um ou outro cavaleiro; crianças jogando bola na beira da estrada; colegiais na volta das aulas e as eternas senhoras de xale e aventalzinho. Paisagem minimalista, casas simples, *portuguesas*, com certeza, com suas videiras, macieiras e laranjeiras, colorindo a paisagem. Hortas, também – afinal a couve é ingrediente imprescindível do caldo verde e na culinária dali em geral. Uma igreja ou outra, comércio discreto e organizado, sem aquelas placas enormes que emolduram os botecos e armazéns por aqui; placas de *reparos de autos* também. De vez em quando, apenas cruzar por baixo ou por cima a autopista de alta velocidade nos devolve a certeza de estarmos no melhor caminho.

Ponte de Lima... Imaginemos, primeiro, como disse Caetano Veloso, *um sonho feliz de cidade*. Ruas estreitas, calçadas quase artísticas, fachadas nobres em geral, embora mesmo quando simplórias, nunca deixem de estar enfeitadas com jardineiras e vasos, sempre na cor vermelha, com seus gerâniros e avencas. Afastamos um pouco e logo alcançamos um gracioso caminho cercado de muros de pedra, que vai dar a uma igreja barroca e, mais adiante, a outra Freguesia. É o verdadeiro Caminho de Santiago, com tudo que ele dá direito, marcado aqui e ali pelos característicos ícones em forma de concha. As fachadas brancas, as janelas com molduras de pedra e folhas de madeira pintadas de azul ou amarelo, telhados onde o tempo pôs e continua pondo sua pátina – tudo ali é beleza e tradição.

Volteando ao pé da colina, o Rio; mas este não será um curso d'água qualquer, como se verá a seguir. Do outro lado do rio, outra vila, menor, mas igualmente acolhedora, atendendo pelo gracioso nome de Arcozelos.

Ao longo da margem de cá a alameda de plátanos, podados todos à mesma altura, simetricamente, se mostrando como candelabros, nus ou encimados por folhagem verde, dependendo da estação. No caminho, antigas mansões e prédios públicos e religiosos. O perfume das glicínias em toda parte, que aspirei em outra estada aqui, no momento nos faz falta. Nos jardins de uma pequena ermida o horto de plantas medicinais e especiarias: eis a gentil vila de Ponte de Lima.

Aqui tem história também. Reza a lenda que o rio que ao mesmo tempo nos cerca e abre caminhos, dito *Rio Lima*, foi durante algum tempo o limite do alcance do Império Romano, já há mais de dois mil anos. E não é que um dia os centuriões que chegavam, por ainda desconhecerem a região e menos ainda o que estava além dela, julgaram que o rio era o limite aonde poderiam chegar. Seria ele o mitológico *Lethes*, pelo qual quem passa deixa para trás toda lembrança, toda memória. E se recusavam a prosseguir. É então que o ousado comandante se atira com seu cavalo às águas calmas do Lima, o atravessa e da outra margem, passa a convocar seus soldados, um a um, pelos nomes. Demonstrou, assim, que sua memória estava inteiramente preservada e não se diluíra nas águas límpidas daquele *flumen*. E assim os romanos avançaram e o Império deu novos passos em direção ao Norte. Monumentos nas duas margens, o centurião a cavalo, em atitude de quem comanda, e seus comandados perfilados do outro lado, homenageiam o fato.

Esta vila da Ponte de Lima é lugar antigo, que existe desde cerca do ano mil e cem, por obra e graça de uma certa Dona Teresa de Leão. Está na região do Minho, eis que a fronteira com a Galícia jaz poucos

quilômetros mais ao norte. Não é a mais importante da região: Viana do Castelo, sede de seu *concelho*, está logo ali do lado, junto à foz do Lima no Oceano. Aliás, Ponte de Lima nem chega a ser cidade, mas, quem sabe, isso não chega a ser um problema, talvez seja mesmo a solução, ou um dos fatores que contribuem para o encanto especial deste lugar. Cinco mil habitantes, nada mais, a sensação que temos é a de podervê-los todos nas ruas, em um simples passeio. Os nomes de lugares em seus arredores, por si só, fazem pura poesia: Paredes do Coura, Ponte da Barca, Peneda Gerés, Arcos de Valdevez, Vila Chã, Soajo, Entre-Ambos-os-Rios, Labrujo, Britelo, Vila Verde, Cerveira, Arcozelo, Caminha, Lindoso...

Da muralha medieval, milenar, ainda restam duas torres, além de uns pedaços esparsos, aqui e ali. Aqui e agora: a muralha, longe de repelir, atrai...

A ponte por si só já traz uma história completa. Foi durante muitos séculos a passagem segura para se chegar ao Minho e à Espanha. Houve uma primeira ponte construída pelos romanos, da qual ainda resta um pilar na margem direita do rio. A atual, contudo, é produto da arquitetura medieval, havendo, segundo os alfarrábios, poucos exemplos que se rivalizam com ela em beleza e equilíbrio. Ela é passagem obrigatória dos peregrinos que se dirigem a Santiago de Compostela, conforme era no passado remoto e continua sendo até os dias atuais. Vejo também nos livros que as ruas da Ponte de Lima apresentam magníficas fachadas góticas, maneiristas, barrocas, neoclássicas e oitocentistas.

Mas as belezas naturais merecem também um parágrafo. Até a chegada, de quem vem de Viana do Castelo. Como foi o nosso caso, ou de Braga, ao sul, a região é marcada por colinas suaves, sem grandes

acidentes de relevo. Mas além do rio já se pode ver que a paisagem muda, com algumas serrinhas se dirigindo para o Norte e para o Leste. Aprendemos que nesta última direção fica o maciço de Peneda Gerês, que se estende até a Espanha. E logo dá vontade de mudar de rumo e ir por ali.

Em Ponte de Lima se pode também apreciar um inesquecível bacalhau à moda, em modos imperiais de espessura e sabor, no restaurante Sabores do Lima. Para acompanhar, outro ingrediente especial: uma boa taça de vinho verde, que é uma especialidade da região. Mas ficou para outra vez, eis que na ocasião a cidade estava literalmente bloqueada em seus acessos devido a uma festa religiosa ou algo assim.

O bacalhau ficou para outra vez.

Mas vai um derradeiro comentário sobre a culinária local. Meu amigo Cristiano Barbosa já havia me dito que eu não poderia deixar de experimentar uma iguaria local ou regional conhecida como *arroz de sarabulho*. Mas experimentar isso é outra história. Eu já o fiz, mas não me atreveria a convidar minhas amigas, com a provável exceção de Iris, para um banquete tão funesto. Se querem saber, vejam os ingredientes do prato: miúdos e sangue de porco, com o arroz cozido em tal caldo. Enfim, o tal *sarabulho* vem à mesa como uma verdadeira bacia de vísceras suínas diversas, com aquele arroz, dito *malandrinho*, ou seja, com o vermelho do sangue de porco bem vivo, formando uma papa quase líquida. Coisa realmente para os fortes. Mas eu sobrevivi ao prato e creio que na presente encarnação estarei dispensado de comer de novo tal iguaria

Para quem quiser se aventurar, uma receita original garimpada na internet é a da Basílica de Santa Luzia, em Viana do Castelo. Vamos a ela:

Cozem-se as carnes em água abundante com a salsa, o casco de cebola, o louro e o sal. À parte, prepara-se um refogado pouco puxado com a cebola picada, o azeite, salsa e louro. Rega-se com um pouco da água em que as carnes cozeram e deixa-se ferver. Quando a calda estiver bem apurada e temperada, introduz-se o arroz. A calda deve ter cerca de três vezes o volume do arroz. Reserva-se a restante para acrescentar se for necessário. A meio da cozedura do arroz, junta-se o sangue e as carnes, que entretanto se desfiaram (com exceção das da colada). Mexe-se muito bem e deixa-se acabar de cozer. Serve-se o arroz assim que estiver pronto, enfeitado com as carnes da colada cortadas em bocados e algumas carnes desfiadas que se reservaram para o efeito.

Ponte de Lima merece ainda uma flanada além ponte, com uma caminhada curta, mas inspiradora, na Arcozelo fronteiriça. Ali, chama atenção o belo e completo Museu Português do Brinquedo e um lindo Jardim Botânico, além da linda igrejinha colonial dedicada a Santo António, bem na cabeceira da ponte, de onde talvez tenham se inspirado os construtores de nossa Igreja de Nossa Senhora do Ó, em Sabará. Ali, Keta e eu fizemos, na nossa primeira passagem por lá, em fevereiro de 2022, mais uma de nossas celebrações, muito marcante, por sinal. Afinal, diante de tal santuário, de vista para aquele rio e sua ponte que une vidas, para o belo casario da Vila ao fundo, pudemos sentir mais uma vez tal sentimento profundo de união, que tanto bem tem feito às nossas almas.

Nota de esclarecimento: desta vez só conseguimos de fato entrar na cidade dois dias depois desta narrativa, porque na primeira tentativa nos deparamos com uma grande festa, creio que religiosa, que praticamente fez a cidade desaparecer diante do assédio de um tsunami humano e automobilístico, que mesmo no dia de nossa segunda tentativa ainda mostrava sequelas, ou seja, gente pra todo lado e certa desordem na ordem urbana, com lixo mal recolhido, ruas bloqueadas, restaurantes superlotados (ou fechados) etc.

Mas em todo caso pudemos assistir a uma bela exibição de bandas sinfônicas da região, na grande esplanada ao longo do rio, bem na cabeceira da fonte, afinadíssimas no tom e apuradíssimas no repertório. Valeu a pena esperar e enfrentar os contratempoz.

Ponte de Lima, para mim e Keta, será sempre um lugar de se voltar.

CIDADES PORTUGUESAS

Mesmo na era salazarista e antes dela, Portugal já possuía uma tradição de arquitetura e urbanismo. Lisboa é cheia de construções impressionantes, que se afastam totalmente do padrão de fachadas espelhadas de arranhas céus *made in USA* e reproduzido aleatoriamente *all around*. Aqui a monumentalidade moderna não se exibe de forma descarada – e talvez nem esteja presente de fato. Mas em compensação, algumas *finesse*s de gestão urbana impressionam muito. Por exemplo, o capricho na revitalização de vias e calçadas nos centros históricos. Aqui se faz tudo com aquelas pedrinhas cúbicas, com desenhos retilíneos diversos, curvas e mandalas, com alternância de cores, texturas, formatos etc. Curioso perceber que entre rua e calçada não há mais o popular “meio fio”; elas aqui perfazem praticamente um mesmo plano, sem desnível. Sinal que os motoristas são respeitosos e os mais velhos e os cadeirantes, com suas dificuldades em escalar degraus, são respeitados. E as águas de chuva correm sempre para um discreto sulco central, que não interfere com o trânsito nem de pedestres, nem de veículos.

Viajar em Portugal nos traz uma percepção que diferencia o país fortemente do Brasil, qual seja a relativa ausência de grandes espaços vazios entre as aglomerações urbanas. Assim, é possível andar dezenas de km praticamente como se estivéssemos em uma única rua, com casas, prédios de apartamentos, comércio distribuídos por toda parte. É bem o que vimos nos nossos deslocamentos de carro pela região ao Norte do rio Douro, onde ficam Braga, Barcelos, Vila do Conde e outros lugares que visitamos. Ficamos com uma dúvida: aquelas pessoas ali morariam por trabalharem localmente ou aquilo é só apenas

lugares-dormitório, para gente que se dirige diariamente a centros maiores, como no Brasil? Com efeito, a estrutura fundiária minimalista de Portugal não parece ser favorável a que tais pessoas morem e trabalhem no mesmo local, pois as propriedades não gerariam empregos para tantas pessoas.

E o que seria uma *cidade*, realmente, por lá? É difícil saber, de fato, por quantas cidades reais teríamos passado, já que foram tantos os concelhos, freguesias e até os simples “lugares”, sem que soubéssemos efetivamente onde começam, onde terminam. Em resumo, penso que o interior de Portugal poderia ser comparado a um *arquipélago de aldeias*.

Assim me atrevo a fazer uma descrição dos arranjos que me pareceram comuns tais zonas habitadas. Elas são dominadas por conjuntos de apartamentos nas periferias urbanas, como vimos de forma exuberante no trajeto entre Lisboa e Sintra. Vê-se que aquilo é domínio de classes médias ou até menos do que isso, mas com estética e qualidade de acabamento seguramente bem melhores do que aqueles da série “Minha casa, minha vida” aqui no Brasil. E sem exceção, esses aglomerados contam com infraestrutura urbana completa, como asfalto nas ruas, urbanização, coleta separada de lixo, parques infantis e outras facilidades, entre as quais se destaca o transporte público, por metrô ou comboio muitas vezes. Assim acontece também do outro lado do Tejo, na cidade de Almada, onde, creio, dado a dominância hegemônica dos prédios de apartamentos, a densidade populacional deve ser a mais alta de Portugal. Assim, a cena habitual em Portugal é a de se chegar nas cidades através de um verdadeiro cinturão de prédios, nem sempre muito altos, num padrão que lembra os

edifícios residenciais de Brasília, mas com disposição bem mais adensada.

Depois de vencida esta barreira de edifícios residenciais é que se vai dar no centro histórico – quando ele existe – no qual muitas vezes os carros não entram, ou têm apenas algumas ruas reservadas para si. E tais ruas são sempre limpas, seja nos locais históricos ou em outros, como resultado de uma cultura cidadã diferenciada, mas também por se dispor aqui de tecnologias que ainda não são vistas no Brasil. Entre estas, já vi aspiradores portáteis de lixo, pequenos veículos elétricos de varrição, além de caminhões capazes de lidar com os containers sem o apoio de auxiliares, apenas sob comando do motorista, de dentro de sua cabine. Espantoso! A coleta de lixo é rigorosamente separada, em compartimentos subterrâneos que se comunicam com a calçada por uma espécie de chaminé tampada, em aço inoxidável, e cujo conteúdo, em enormes sacos, é por assim dizer “pescado” pelos caminhões de limpeza, sem maior esforço. É claro que isso exige “bons cidadãos” também para colaborar.

Uma pergunta que não se cala, sem deixar de ver nela um certo preconceito, é a seguinte: se até um Portugal, um país europeu menos rico, é assim, faça-se ideia de como deve ser na Dinamarca ou na Alemanha? Um dia chegaremos lá...

E por falar em cidades, as calçadas ditas “portuguesas” fazem jus a tal nome! Elas são, em todo o país, praticamente sem exceção, invariavelmente revestidas por aquelas pedrinhas cúbicas, pretas, brancas e avermelhadas, conhecidas no Brasil como “calçadas portuguesas”. Nos centros históricos isso acontece com as calçadas e as próprias ruas, destinadas agora ao uso “pedonal”, não há desnível entre rua e calçada,

mas apenas uma declividade suave que entrega as águas da chuva a um sulco situado no meio da via, geralmente coberto por tampos de pedra. Não é raro se ver um tratamento artístico das pedrinhas cuboides, sob a forma de grafismos diversos, lembrando por vezes o próprio desenho das calçadas de Copacabana, tão conhecidas por nós e mesmo fora do Brasil. Aliás, aquele zig-zag curvilíneo tem seu correspondente em Lisboa no Largo do Rossio e também junto à Torre de Belém – e seria impossível dizer se o que veio primeiro teria sido é o ovo ou a galinha.

O panorama descrito acima foi visto por nós em Vila do Conde, Viana do Castelo, Guimarães, Barcelos e Braga – e até mesmo no Porto e Lisboa, em proporções mais vantajadas nestes dois últimos casos. E da mesma forma se apresenta em Fátima, Nazaré, Cabeceira de Basto, Póvoa do Lanhoso, lugares em que não fomos juntos desta vez, mas que também fazem parte de tal descrição.

CIDADES DE PORTUGAL: MAIS IMPRESSÕES

Nas linhas acima, falei com mais detalhes de Braga, Vila do Conde, Óbidos e Fátima. Mas não posso ser injusto com as demais localidades visitadas por nós, por mim individualmente, pelas meninas ou em conjunto.

Guimarães. Aqui toda graça da cidade portuguesa se ajunta. Eu e Iris imbuídos profundamente do espírito local, seja pelo sobrenome dela ou por ter sido a origem de meu bisavô Francisco Marcos. O centro histórico é ainda mais belo do que nas outras cidades, com suas ruas estreitas, sobradinhos e sobradões, prédios institucionais religiosos ou administrativos, jardins, quintais. O passadiço que une os dois lados de uma das ruelas é inesquecivelmente romântico e bem apanhado. A velha igreja de N. S. da Oliveira, que tem uma dessas árvores plantadas em seu adro, aparentemente quase tão antiga como ela, seu interior sóbrio e sombrio e música barroca ambiente, nos remetem diretamente aos primeiros séculos do país. Bares, barzinhos, cafés e restaurante de não se botar defeito. Aqui a vontade é sempre de ficar todo o tempo possível e aproveitar intensamente tudo que nos é oferecido. E já ia me esquecendo de falar do Paço dos Duques, monumento ao bom gosto e à riqueza da classe dominante, mas independente disso belo ao extremo, só aquela capela revestida em madeira já vale a visita. E para encerar o Castelo da Condessa de Momadona, simplesmente o lugar cujo dístico é, simplesmente, *Aqui Nasceu Portugal*. Não precisa falar mais nada, né? Só poderíamos acrescentar: *e também aqui vive a glória e a beleza deste país tão especial*.

Barcelos. Famosa pelo seu *Galo* e também por sua feira. Não se fala muito de outras belezas que tenha, mas elas estão presentes, por exemplo, os belos jardins

que margeiam seu centro histórico, às margens do rio Cávado. Do outro lado do rio a pitoresca Barcelinhos, reproduzindo em escala menor as belezas que se vê do lado de cá. Um outro Paço dos Duques se apresenta ali, ou melhor, apenas suas ruínas, sobranceiro sobre o rio. Mas é evocativo da importância política e estratégica que a cidade tem em seu passado. Da mesma forma a igreja matriz, em estilo românico, cheirando a séculos. O Museu da Cerâmica, muito apropriadamente conserva e muito nos ensina sobre as técnicas seculares com que esta arte foi desenvolvida em Barcelos. A exposição temporária que vimos lá, tendo como figura central o santo (português) António de Lisboa, é de uma beleza épica, misturando devoção, delicadeza, elaboração minimalista e até mesmo alguma ironia, como naquela imagem do Santo carregando o Menino Jesus, este já adulto, ambos embriagados. Vale ainda a menção a suas ruas centrais, com prédios seculares dos dois lados, de modo geral muito bem conservados e formando uma paisagem arquitetônica de grande beleza, entre eles o Teatro Gil Vicente.

Viana do Castelo. Esta é uma capital regional, embora não chame a atenção pelas suas dimensões ou pela presença de palácios especialmente suntuosos. Ocupa a foz do rio Lima e junto a ela está uma linda ponte azinhavrada projetada por ninguém menos do que o engenheiro francês Eiffel – sim, aquele da torre. Estive lá há quatro anos, em pleno inverno, e quase não reconheci a cidade agora coberta de vegetação verdejante. Seus caminhos à beira rio, com estações de ginástica e bancos para se apreciar a paisagem, ao tempo que se vê tanto a margem oposta como o casario histórico por detrás, são bem uma mostra do cuidado que as cidades portuguesas têm com o bem estar das pessoas, a preservação do ambiente e a preservação de

seu patrimônio. O Santuário que domina a cidade, do alto de um morro, no lado Norte do rio, foi visita que ficamos nos devendo (no meu caso, pela segunda vez) dado o aceso ao mesmo estar fechado por motivo de festa religiosa (o que, como se vê, é acontecimento frequente e valorizado no país). Ali a Polícia se fazia presente, mas esta deve ter sido a única vez que a vimos em ação. Discretíssima, por sinal.

Lisboa. O que fazer em Lisboa em exíguos cinco ou seis dias, um deles consumidos com a ida a Fátima, Nazaré e Óbidos? Dá uma ânsia só de pensar... Mas tentamos aproveitar da melhor maneira possível. Ou melhor, as meninas tentaram, porque eu infelizmente tive que ficar recolhido metade deste tempo por conta de um ferimento no pé. Assim, começamos por uma caminhada pela Avenida Liberdade, Rossio, Chiado e Baixa, roteiro que permite a apreciação, entre outras coisas especiais, das ruínas do Convento do Carmo, das ruas íngremes e estreitas do Chiado e do Bairro Alto, das ruas da Baixa invadidas por turistas de todas as cores e estilos, para finalmente se chegar à da Praça do Comércio e apreciar o Tejo de perto. Não sem antes fazer uma foto junto a Fernando Pessoa, em sua mesa do *Café A Brazileira*. E com tempo suficiente para uma paradinha das garotas em quase todas as lojas de souvenir existentes no roteiro. O Terreiro do Paço e a Casa de Saramago ficaram para outra vez. Mas em compensação, o passeio culminou com escalada (de Tuc-Tuc elétrico) até o Castelo de São Jorge, de cujas amuradas se desfruta uma vista espetacular da capital, em particular, do Tejo, da majestosa Ponte 25 de Abril, além da Alfama bem aos pés do morro. Nos outros dias uma miscelânea de passeios, que incluiu uma frustrada visita à Mãe da Água das Amoreiras, lugar que vale apena ver, mas do qual pouca gente fala. Acontece que no dia de nossa visita o local servia de

sede a um show artístico-tecnológico de ingresso muito caro – talvez valesse a pena, mas acabamos por desistir. E aproveitamos a oportunidade para andar um pouco mais até os Jardins da Estrela, um pouco adiante, onde pudemos apreciar um espécimen que pelo menos eu julgava inexistente em Portugal: uma portentosa paineira, coberta por uma florada exuberante e de cor entre o rosa e o avermelhado, como nem aqui no Brasil se vê. A Basílica da Estrela defronte, na minha opinião, dentro do quesito *Igrejas*, tão abundante e exuberante em Portugal, perfila entre aquelas atrações que não se deve e não se pode perder. Meu convite para estendermos o passeio até o Cemitério dos Prazeres, logo ali ao lado, foi gentilmente recusado pelo grupo. Elas não sabem o que perderam... O giro lisboeta foi completado pela visita à região do Oriente, com destaque especial para o passeio do teleférico, sem esquecer de uma visita caprichada das meninas ao Centro Comercial (que é o estranho nome que portugueses dão a *Shopping Center...*) Vasco da Gama, de onde foram retiradas quase à força. O Oceanário ficou para outra vez, eis que a vida é feita de escolhas.

Foi pouco. A velha cidade de Lisboa, tão *cheia de encanto e belezas*, certamente merecia muito mais do que isso.

E para encerrar: Porto. É a última a ser citada e foi a primeira a ser visitada. Mas aqui, com certeza, a visita *faltou cumprir-se*, como diria Fernando Pessoa. Foram poucas horas, entre a chegada no vistoso e imponente aeroporto Francisco de Sá Carneiro e a partida para Vila do Conde nas primeiras horas da manhã seguinte. Temos que voltar lá para uma descrição mais abrangente e cuidadosa, sem dúvida. Mas há alguns pontos de destaque.

Na chegada, almoço com malas e tudo, na calçada, em bar-restaurante de nome curioso: *Alma de Cachorro*. No caso, trata-se apenas do popular *hot-dog*, que lá é conhecido simplesmente como *cachorro*. Mas o almoço à base de *sandes*, que é o nome que eles dão aos nossos sanduíches, não decepcionou. Depois de algumas horas de descanso, caímos na rua – e já era noite. Foi um bastante para um périplo pelos altos da cidade, atingindo apenas superficialmente a parte mais tradicional, a Ribeira, à altura da magnificamente azulejada Estação São Bento. Deu pra ver de relance a Torre dos Clérigos, a sede da Universidade do Porto e a Igreja, também coberta de azulejos, de Santa Catarina. Um restaurante para turistas logo adiante saciou a Helaine sua vontade de comer bacalhau, mas pelo visto decepcionou. O resto ficou para outra ocasião.

De passagem comento uma das dificuldades que tivemos em nosso passeio noturno: a cidade está praticamente cortada em duas por uma larga faixa de obras que se estendem paralelas ao grande Rio: a ampliação de seu metrô. Coisa complexa, a cortar territórios densamente povoados e movimentados, além de ocupados por prédios e monumentos antigos. Para nós, brasileiros, fica uma impressão: obras importantes para a população dependem de decisão política e devem ser sempre realizadas. Com toda a chance de que em um país como este a corrupção seja menos impactante. No Brasil, como se sabe, obras de metrô são os dos principais focos dos mamíferos da coisa pública.

Em resumo, o Porto é uma cidade linda, mas seu adensamento, suas vias acanhadas, seus preços (pelo que sentimos), talvez façam da mesma um lugar bom para se apreciar, não exatamente para morar.

EDUARDO E CÉLIA

Eduardo Guerra e sua mulher Célia nos abrigaram em Braga, para onde se mudaram há quatro anos, deixando para trás este Brasil tão cheio de problemas. Ele é meu amigo desde o início dos anos 60. A esposa eu conheci bem depois, mas o bastante para incluí-la entre as melhores pessoas que conheço, assim como o marido, com todas as honras.

Ser hospedado por alguém que nos abre sua própria casa é de fato um privilégio, um gesto de confiança e amizade as pessoas nos emprestam, uma verdadeira prova de generosidade.

Falo um pouco dele. Eduardo é sobrinho de minha “tia torta” Marita, já falecida, casada com o irmão mais velho de minha mãe, Virgílio. Nasceu e cresceu em Acesita, no atual Vale do Aço de MG, onde seu pai, Pedro Guerra era médico. Foi nas férias de 1961 ou 62, que fui passar em tal cidade, por força de ligações familiares, que vim a conhecê-lo. Fomos de imediato com a cara um do outro. Ele era o único homem do casal Pedro e Jenny, tendo duas irmãs mais velhas. *Careca* era o nome familiar pelo qual era conhecido desde a infância, devido a sua testa longa, e a justificativa para tal apelido, dado pelo seu próprio pai, só fez aumentar com a idade.

Dos primeiros pileques e dos primeiros namoricos é difícil esquecer... E naquelas férias, e também nas que vieram na sequência, ali em Acesita, este foi um exercício contumaz nosso. Nos namoricos, talvez não fôssemos tão solidários, pois as garotas disponíveis eram todas suas primas – e ele talvez preferisse algo menos consanguíneo.

Apesar de ele ter feito o ginásio e o curso colegial em Belo Horizonte, na mesma época do que eu, mas em colégios separados, neste período raramente nos encontramos. Aliás, nos perdemos de vista durante muitos anos. Quando vim morar em Brasília, em 1991, pude reencontrá-lo, agora anestesista e liderança médica no DF.

Em rápidas palavras, Eduardo Pinheiro Guerra é um tipo bonachão de quem é uma delícia ser amigo. Tem histórias e piadas para todas as situações, seja de forma presencial ou pela internet. Entre outras coisas, me impressiona muito sua capacidade empreendedora e voltada para coisas coletivas, o que associa com uma vida pessoal plena do afeto da família e dos amigos. Além de presidente do Conselho Regional de Medicina, foi também diretor de um setor do Ministério da Saúde e Sub Secretário de Saúde do DF. Como se não bastasse, formou-se também em Direito e, depois de aposentado, ainda arranjou tempo para um cargo de assessoria no Ministério Público, além da presidência da Associação dos Produtores do Lago Oeste, onde tem sítio e casa. Mas acima de tudo, Careca tem sido sempre um amigo fiel e presente.

Em Braga, o que posso dizer dele é que virou um bom português, melhor dizendo, um brasileiro que honra e representa muito bem o Brasil em terra quase estrangeira como aquela. Sua capacidade de puxar conversa e se aproximar de pessoas até então estranhas é simplesmente sensacional. Andar com ele pelas ruas, como fiz frequentemente em nossa estadia, é algo muito divertido e cheio de surpresas.

Célia é o nome da mulher por trás de tal sujeito. À primeira vista – mas só em tal circunstância – pode parecer um tanto sisuda, mas que logo se abranda diante de uma boa conversa, numa boa mesa, numa

viagem de descoberta, como fizermos juntos em outra ocasião que estive com eles em Braga. Amizade que pegou por contágio, de forma irreversível. Compartilha com Eduardo a bonomia perante os amigos e outros prazeres da vida, mas fica mais distante dele na capacidade de ter piadas para todas as situações, pois é mais discreta e contida, embora não perca também a oportunidade quando alguma coisa anedótica apareça pronta no horizonte.

POLVO A LAGAREIRO

Quando estive com Eduardo e Célia em 2019, nesta mesma Braga, embora residissem eles em lugar diferente, fui recebido com honras *Manuelinas*, digamos assim, para trazer presente um período em que Portugal conheceu grande opulência. Afinal, entre outros feitos, descobriram o Brasil naquela ocasião.

E no século XVI, em que viveu este D. Manuel, dito *O Venturoso*, em toda sua glória, já devia estar presente na cozinha portuguesa o prato que me foi então oferecido, quinhentos anos depois: o modo *Lagareiro* de preparar um fruto do mar, no caso presente, um *Polvo*. Falar disso em letras *Maiúsculas* faz realmente mais sentido. Vamos aos fatos.

Um pouco de prosódia, para começar. *Lagar* é o lugar nas herdades onde se espremem certos frutos, para deles serem retirados sua essência. Podem ser uvas, pêssegos, laranjas, mas o caso atual se aplica a olivas. *Lagareiro* é quem exerce tal ofício. E o nome é dado ao prato aqui em foco certamente pela quantidade generosa de azeite que entra em sua composição.

Seus ingredientes, além de tal óleo, *virgem* e *extra*, que é um dos tesouros da gastronomia lusa, incluem cebolas, coentros, batatas, alhos e as próprias azeitonas, assim no plural, que é a maneira como se fala por lá. Além, é claro, do singularíssimo *polvo*.

Uma digressão tentacular: estive em Tavira, no Algarve, e por lá tomei conhecimento do modo de se pescar tal molusco. Aliás, para ser de fato uma verdadeira *pescaria* ela é, no caso, totalmente passiva, eis que a operação consiste simplesmente em afundar vasos de argila unidos por uma corda ao mar e depois recolhê-los um a um, cada qual trazendo dentro de si

um polvinho devidamente abrigado. Pobres e ingênuos animais...

Digressão finalizada, vamos ao prato.

Tudo começa com uma ida ao mercado, já nas primeiras horas do dia, para a melhor aquisição dos ingredientes bem frescos. Mas isso é pura poesia, os bons supermercados já foram abastecidos de madrugada ou então mantêm tais produtos, especialmente o polvo e congêneres, congelados, mas vá lá. Assim fomos, Eduardo e eu, ao *Mercadona*, que é uma rede espanhola que mais parece um templo erigido ao consumo.

Mas não começamos pelo dito polvo ou pelas cebolas e demais temperos. Começamos pela parte mais nobre: duas botelhas de capitoso vinho verde de Monção. Assim preparados fomos à luta!

Pois bem, polvo em Portugal é apenas *gênero*. Você tem que definir qual *espécie* prefere: fresco, congelado ou enlatado; nacional ou espanhol; etc. Como não havia a opção *fresco*, optamos pelo congelado mesmo – e nacional, ao que parece.

O resto foi fácil de escolher, estava tudo à vista e com aspecto e frescor notáveis. É que os consumidores de lá são terrivelmente exigentes.

E assim aconteceu...

Primeiro limpamos, cortamos em pedaços e escorremos o tal polvo.

Depois deixamos secar, mas não muito.

Nada de pressa, pois que a pressa é inimiga da perfeição, ou melhor, no caso da “refeição”.

Agora, em água quente se o levou. Mas calma: em água que irá sendo aquecida aos poucos. De acordo?

Mas esta água não é qualquer uma não. Primeiro metemos na panela uma cebola inteira, alguns grãos de pimenta, uma folhinha de louro.

O polvinho bem descansou em tal banho por uma meia hora. Mas esta parte é delicada... Polvos, quando cozidos demais (ou de menos, nunca se sabe) viram uma espécie de borracha. Questão de jeito e sensibilidade.

Salvamos da panela o molusco depois desse tempo e coube então levá-lo a uma grelha. Neste momento vai um pouco de sal. No caso presente, não havia grelha, mas para tanto havia o forno.

Depois de *grelhado* entra-se em novo ritual, que inclui regar com azeite, adicionar alho cortado em fatias, ramos de coentro picados, rodelas finas de cebola e azeitonas pretas ou mesmo das comuns. Sendo azeitona, em Portugal é 100% de acerto.

Sessão das batatas agora. É preciso lavá-las e colocadas em um tabuleiro, cobrindo-as com sal grosso. Passeiam no forno por 45 minutos, mais ou menos. Depois disso, são espanadas para tirar o sal e se lhes aplica o famoso e cabal *murro* – e assim ficam prontas.

Aí, é só juntar tudo e comer. Não tem erro.

Ou melhor, às vezes tem erro sim. O primeiro Polvo a Lagareiro, aquele de 2019, ficou perfeito. Este segundo teve que voltar à panela por mais uns quinze minutos para desemborrachar.

Mas nada disso importa. Com aquele vinho verde e na mesa com tais amigos tudo ganha total sentido. E a gente quer é mais!

Saúde e bom apetite!

CABECEIRAS DE BASTO

Na escapada das meninas a Paris e Roma convidei meu amigo Eduardo a fazermos um passeio a Cabeceiras de Basto, situada a pouco mais de 60 km de Braga, no rumo de Guimarães.

Por que tal lugar? Myrinha, minha irmã, tinha me passado informações que me despertaram o desejo de conhecê-lo. É que dali, ou de seus arredores, veio o primeiro Andrade de Itabira, que formou tal família em Minas Gerais, segundo as pesquisas competentes de que só minha irmã é capaz. Mas acontece que este precursor na realidade não era Andrade, mas sim um João Francisco Basto(s), português de tal região, que se casou com a brasileira (mas talvez também de sangue lusitano) Margarida Correia Lemes, cuja mãe era Andrade. A partir daí, todos os descendentes de João Francisco, que não era Andrade, passaram a assinar Andrade, o que dá a nossa família um possível atributo de matriarcado – com muita honra aliás.

E não para por aí a sanha pesquisadora de Myrinha, ao me informar que a estátua "O Basto", da praça principal da cidade que visitamos, representa um guerreiro local cheio de "raça", em termos de alma e tradições, no qual os habitantes de Cabeceiras ostentam sua coragem e honradez, dando origem a uma lenda através da se explica o nome da região. Assim, um certo Hermígio Rodrigues, um guerreiro-monge que *se destacava pelo seu porte avantajado de grandes e possantes membros e com o rosto retalhado por mil golpes das escaramuças passadas*, partiu de peito aberto contra os muçulmanos que assediavam seu mosteiro, proferindo bravas e corajosas palavras: *até ali, por São Miguel, me basto eu!* E tudo indica que *se bastou mesmo* e ainda desbaratou os inimigos com sucesso, tanto que só veio a morrer muitos anos

depois. Tudo isso ainda no primeiro milênio, quando os visigodos dominavam a região, em disputa permanente com os árabes, antes mesmo de se constituir o Portugal de Dom Afonso Henriques.

Era mesmo preciso conhecer tal lugar – e lá fomos.

Dizer que a tal Cabeceira de Basto é apenas “mais uma cidade portuguesa” não lhe faz justiça. Ela é limpa, clara, graciosa, e misturadamente antiga e moderna – até aí tudo igual a muitas outras. Mas nela o destaque é o panorama montanhoso e o verde profundo da natureza vizinha. Sem esquecer do Mosteiro defendido há mais de mil anos por Dom Hermígio, ainda se impõe por lá, na verdade sucedido por um edifício barroco espetacular, que domina a paisagem na praça principal. Pela premência do tempo, nossa visita à região de Basto foi rápida, mas tivemos a sorte de visitar, nas redondezas (desculpem, mas esqueci o nome) um modesto, embora encantador, museu ferroviário que ainda guarda as *carruagens* (vagões) nas quais viajavam os últimos reis de Portugal, no século XIX.

Assim é Portugal: do nono ao décimo-nono século; dos visigodos aos Orleans e Bragança – tudo em um lugar só!

PÓVOA DO LANHOSO

Esta cidade mereceria, pelo menos, entrar para o rol das cidades portuguesas de nomes curiosos, ao lado, por exemplo, de Freixo de Espada à Cinta, Oliveira do Hospital ou Linda a Velha. Mas ela é mais do que tal nome esquisito.

Em primeiro lugar, por sua paisagem, também muito montanhosa e verdejante, como sua vizinha Cabeceiras de Basto. Aliás, aqui nos lembramos das estradas sinuosas que temos no Brasil, por exemplo, na Serra do Mar e da Mantiqueira, com a vantagem da paisagem ainda mais fechada de matas e com curvas sem fim. No caso, uma via mais estreita, uma das tais “N”, que serpenteia por longos km ladeira abaixo, em trecho que despertaria em algum skatista ou piloto de carrinho de rolimã um sonho de consumo em matéria de aventuras.

Vejo na wikipedia que a Póvoa do Lanhoso faz parte da região do Rio Ave, cujo curso, aliás, acompanhamos ao longo da ladeira citada acima e é sede de um município (Concelho) de cerca de 22 mil habitantes, com nada menos do que 22 freguesias. Há evidências arqueológicas de que já era habitada três mil anos antes de Cristo! Não faltam histórias por ali, uma delas de que o rei-fundador D. Afonso Henriques prendeu no castelo local sua própria mãe, D. Teresa, que andava de tretas com os terríveis espanhóis.

Este Castelo do Lanhoso, que visitamos, merece também algumas linhas. Fica no alto de uma montanha íngreme, vizinha à Vila, na verdade uma única rocha escura de granito, sobre a qual lança seus alicerces. O que restou dele são alguns cômodos e muralhas, com uma praça central onde bota sua sombra um belo Sobreiro. Mas é a vista do alto onde

ele se situa que é de se admirar, alcançando uma vastíssima região que inclui até as serras que abrigam o Basto. E neste castelo chamou ainda nossa atenção seu morador, ou melhor, seu zelador, guia turístico e porta-voz: Zé Lopes.

Sabem uma pessoa comunicativa? O Zé deixou o próprio Eduardo no chinelo! Pegamos com ele um papo de uma hora inteira – e olha que já era final do expediente e ele já tinha nos informado que o esperava outro compromisso lá em baixo. Falou-se de tudo na tal tertúlia, da política portuguesa e da brasileira, de Bolsonaro (mal...), de seu correspondente português Marcelo, da flora e da fauna local, de vinhos e comidas prediletas, de mpb, de fado, de literatura e muita coisa mais. Mostrou total afeto pelos brasileiros e pela nossa cultura, o que nos deixou felizes. Em certo momento, baixou em mim o espírito de médico e diagnostiquei nele uma psoriase, muito aparente, aliás, pela descamação que era visível em seus braços e pescoço. Até me lembrei do que dizia o meu professor de dermatologia na Faculdade de Medicina da UFMG, Oswaldo Costa: *a psoriase fala pelos cotovelos*, pela localização preferencial das lesões iniciais da mesma. Achei que a frase caía como uma luva no Zé Lopes. Mas antes mesmo que eu comunicasse, em off, meu diagnóstico ao Eduardo, o Zé já tinha se adiantado para informar que aqueles seus cotovelos não mentiam.

Que figura!

Encerro esta narrativa com uma curiosidade descoberta na internet. Em 1846 começou na Póvoa do Lanhoso a chamada revolta de *Maria da Fonte*, na qual, contra a igreja católica e seus aliados monárquicos, o povão foi à luta em sua recusa a uma nova lei que proibia enterrar os mortos dentro das igrejas,

sublevação que se alastrou ao resto do país e provocou até mesmo a queda e mudança do gabinete de então.

O GALO DE BARCELOS

Já falei de Barcelos aqui. Agora é hora de tratar de seu maior símbolo: o Galo. Alguns o consideram como um símbolo genérico português. Mas justiça seja feita: sua pátria verdadeira é Barcelos. Vamos ver o que reza a lenda.

Um dia, sabe-se lá quando, os habitantes da cidade, alarmados com um crime, cujo autor ainda não se tinha descoberto, resolveram botar a culpa num galego que por lá aparecera. As autoridades, pressurosas em mostrar serviço aos cidadãos e dentro da velha lógica de culpar preferencialmente os diferentes da norma vigente ou os que venham de outras terras, logo capturaram e culparam o tal sujeito. O mesmo foi preso, apesar de jurar inocência – em vão. Um de seus argumentos é de que apenas passava por ali em peregrinação a Santiago de Compostela. Entre parênteses: o caminho a Compostela, e quem vem da Galícia, não passa por Barcelos; aliás, tal cidade fica exatamente dentro da Galícia, mas tudo bem.

Assim, o pobre do galego se viu condenado à forca. Mas antes de ser executado, pediu que o levassem à presença do juiz que o condenara. O Meritíssimo, todavia, se banqueteava em companhia de alguns amigos e por isso ordenou aos guardas que o livrassem daquele réu importuno. Mas como o nosso galego era persistente, acabou conseguindo seu intento e então, frente a frente com a autoridade judiciária, voltou a afirmar sua inocência e mesmo com a incredulidade de todos os comensais do juiz apontou para um galo assado que estava sobre a mesa e exclamou estar tão certo de sua inocência, como certo seria aquele galo levantar da tigela onde estava e cantar quando o enforcassem. O juiz insistiu na ordem de que o livrassem daquele perturbador de jantares entre

amigos, mas quando deu por si, daí a pouco, o galo levantou e cantou, em alto e bom som. Isso fez com que ele corresse até o patíbulo, mas só para descobrir que o condenado já se salvara, por obra e graça de um nó mal feito na corda.

Final feliz: o homem foi imediatamente solto e mandado embora sem maior perturbação.

Assim o galo entrou para a história de Barcelos e ainda hoje ele lá está por toda parte, em monumentos, museus e lojas de artesanato, apresentando-se em diversos feitos, roupagens e profissões. Até um artefato de prever o tempo e a temperatura sob a forma de galo que muda de cor ali se vende como souvenir, havendo também galos-operadores de computador, galos-boxeadores, galos-médicos, galos-professores, galos-advogados, galos-galináceos e tudo mais que um galo pode ser.

Boa história, que provoca a vontade de ser atualizada para outro país, também lusófono, mas em época atual.

Ali procuravam-se culpados, mas havia tantos que não era possível condenar a todos. Então um juiz conhecido por suas sentenças abruptas e pouco atinentes aos mandamentos das leis, resolveu condenar um cidadão cujos inimigos acusavam de todos os crimes possíveis, particularmente contra o erário público. Para agravar, tal pessoa tinha vindo de região do país que era alvo de fortes preconceitos por parte da elite dominante. Não havia provas suficientes, mas o tal juiz, acolitado por seus auxiliares e por certos propagadores de notícias falsas que eram figuras comuns no ambiente, argumentava que lhe bastavam as convicções pessoais, que lhe eram muito

abundantes, no que foi vivamente aplaudido pelo seu séquito.

E assim se levou o condenado à prisão, poupando-lhe da força porque no tal país já não se usava mais tal instrumento, havendo outros que o substituíam, com vantagens, não para provocar morte física, mas a muito mais eficiente morte simbólica.

Aliás, simbólico também era um Galo, que um dia se levantou, vindo não se sabe de onde, cantou bem alto e anunciou a todos que aquele julgamento tinha sido uma farsa e que aquele juiz não passava de um juiz de festa junina.

E foi assim que o condenado se viu livre, sendo festejado por todos e em toda parte, exceto pelos falsários de sempre, terminando por se transformar em Presidente do país.

E ponto final. Quem quiser que conte outra história galinácea.

EM ROMA COMO OS ROMANOS

Trata-se de um ditado antigo este, ao qual se atribuem diferentes origens. Uma delas inclui o venerável Santo Agostinho, que ao mudar-se da África para Milão, na Itália de então, percebe que os costumes do mosteiro que agora o abrigava não eram os mesmos de sua origem, e que cabia a ele se adaptar. Seu significado mais exato seria: *quando estiveres em outra freguesia, faça como os moradores locais fazem.*

Millor Fernandes, em um dos seus jogos de palavra geniais, trocou o advérbio “como” pelo presente do indicativo do verbo com a mesma grafia – e arrematou: *assim dizia o canibal*, lançando, com isso, novas possibilidades semânticas sobre tal ato. Mas é outra a questão que nos interessa aqui; vamos a ela.

A questão é a seguinte: qual é o melhor proceder quando se está em viagem a um país diferente do nosso? É bom lembrar que em Portugal o idioma é o mesmo daqui, mas muitos costumes e expressões são diferentes – bem diferentes, aliás. Pessoalmente, sou de opinião que devemos acatá-los e agir de conformidade a eles. Ou, pelo menos, tentar disfarçar.

Alguns exemplos. O modo português de olhar a realidade é diferente do nosso. Nada de *mais ou menos* ou *quase*: eles são textuais em tudo que falam e explicam. Por exemplo, se você perguntar a alguém na rua se “aqui” passa o metrô, ele lhe dirá que não, mesmo que você veja em seguida uma placa indicando que se está bem à porta de uma estação do mesmo. O português típico, todavia, não se dará por vencido e se for cobrado por isso lhe dirá que o metro passa “lá abaixo”, e não exatamente “aqui”. E talvez complemente: *o que passa ‘aqui’ somos nós, não o metro...*

Se você indagou alguma coisa, por exemplo, a um motorista de taxi e quer apenas confirmar a informação ou mesmo reforçar seu espanto ou admiração face ao que lhe foi revelado, não utilize a brasileiríssima expressão: *mas é mesmo?* ou outra forma de indagação. Isso certamente será interpretado como um questionamento à veracidade do que lhe foi informado antes e pode gerar reações um tanto furibundas do informante. Não se arrisque, portanto. Finja que entendeu, que se espantou ou admirou o fato e siga em frente.

Se você entrar em uma loja ou outro local de atendimento ao público e diante do balconista eu já atende alguém tentar agir à moda brasileira, com aquele chavão que diz *sem querer interromper, mas interrompendo* ou de alguma forma dizer ou demonstrar isso, cuidado, suas possibilidades de ser ignorado ou mesmo rejeitado cabalmente são muito grandes. Um bom português só lhe atenderá depois de ter liberado inteiramente o freguês da frente. E ponto final. Sem chance de dar uma paradinha para lhe dar alguma informação, por mínima que seja. Pensando bem, é até um gesto gentil. Aliás, pelo menos deveria ser assim também de parte de quem faz tal intervenção, que ali passa por descabida e mal educada.

Tem outra faceta, da qual é difícil escapar. Falamos a mesma língua sem dúvida, mas há expressões muito diferentes para a mesma coisa, lá e cá. Além disso o sotaque muitas vezes nos atrapalha, por exemplo, diante do fato de que os portugueses *comem* (ou suprimem) as vogais em sua pronúncia. A palavra acima, *atrapalha*, por exemplo, vira algo como *atr'p'lha'*, assim como brasileiro vira *br'silairo* e faz favor se transforma em algo como *ch'faz favoire*. Para

atender telefone diga simplesmente *estou*, enquanto seu interlocutor provavelmente usará: *está lá?* – e assim por diante. Desta forma, um diálogo entre dois falantes da mesma língua, principalmente se do lado português estiver pessoa mais velha ou um *saloio* (matuto), pode se transformar em fonte insuperável de desentendimentos, considerando que não parece ser muito habitual por lá a paciência dos locais com quem não lhes entende muito bem, como no caso dos motoristas de taxi citados acima.

Em locais públicos, por exemplo, nos transportes ou nos restaurantes, a regra é da discrição. Ninguém se agita, gesticula, fala alto e procura chamar a atenção – do garçom, por exemplo. Salvo algum brasileiro, é claro. Aliás, é fácil identificar os *brasucas* em qualquer lugar que se vá pela sua incrível capacidade de mostrarem sua presença por palavras e gestos. Não que os portugueses não gostem de tais manifestações, mas parecem deixá-las reservadas para as ocasiões festivas em ambientes familiares, nos finais de semana, provavelmente. No dia a dia, jamais. Isso, naturalmente, faz com que muito brasileiro se sinta revoltado e discriminado quando está em Portugal ou lá reside.

Nunca comece uma conversa, seja com conhecidos ou estranhos, com aquele *oi* ou *olá* que aqui no Brasil é de total normalidade. Primeiro diga *bom dia* ou *boa tarde*, acescente alguma coisa como *por favor* e só então inicie a conversa. Ah sim, até o dia ficar escuro a saudação será sempre *bom-dia*. E *boa noite* normalmente se usa para quem dorme junto a você, ou nas despedidas noturnas.

A sopa faz parte do almoço (ou jantar) português típico, seja no inverno ou no verão. Mesmo nos restaurantes mais populares ela estará presente, particularmente

no menu dito como “diária”. Recusá-la não é uma mancada, mas quase todo mundo a incorpora no pedido e ela vem para a nossa mesa quase automaticamente, a não ser que haja aviso em contrário. Mas é bom lembrar que o (a) atendente não estará supondo que você parece enfermo só porque lhe trouxe uma sopa à mesa, sem que você a tenha pedido.

Pesquisei sobre o presente assunto na internet e descobri algumas outras curiosidades a respeito de tais diferenças culturais. Alguns exemplos: a nostalgia e aparente tristeza dos portugueses versus a alegria e o gestual desabrido (às vezes sem muita base real) dos brasileiros; a nossa falta de pontualidade, comparada com o rigor de nossos irmãos de lá; o nível cultural, traduzido pelo domínio do inglês e de outras línguas, muito mais frequente por lá, principalmente entre os jovens.

Mais uma observação, esta conferida diretamente por nós na presente viagem: não faça os garçons esperarem muito quando estiver consultando o menu. Chame-os apenas quando tiver escolhido o prato. Quase tivemos um incidente diplomático internacional em Ponte da Barca por causa de algo assim...

BRASUCAS

Brasileiros em Portugal. A maioria pobres (ou quase). Nível de qualificação pequeno. Vida dura. Choques culturais de toda ordem. Condição de exilados, praticamente. A mágoa com o Brasil que os expulsa convertida em pensamentos e ações políticas deformados, de natureza conservadora ou mesmo de recalque ou revolta mal processada.

Isso é praticamente o que o senso comum indica. Mas de perto pode ser diferente. Ou, pelo menos, haver exceções. Como aconteceu com dois dos motoristas de Uber que nos atenderam em Lisboa. Sem querer generalizar.

Curiosamente, foram dois casos semelhantes, na mesma noite, quando eu e Keta fomos e voltamos ao Hospital para fazer o atendimento ao meu pé machucado.

Os dois brasileiríssimos, morenos, como é quase regra geral. Um mineiro outro goiano. Discretos. Só nos dirigiram palavra quando sentiram que, além de compatriotas, éramos pessoas mais abertas e gentis, pelo modo com que os tratamos logo na entrada do veículo, antes mesmo de termos certeza de que compartilhávamos a mesma língua e origem nacional.

Papo fruxo no começo da viagem, totalmente convencional: *ah, brasileiro! Há quanto tempo está aqui? Gostando? Querendo voltar? Está sendo bem recebido?*

No prosseguimento da conversa, alguma cautela a respeito de abordarmos questões políticas. Admitimos depois o preconceito de termos a suspeita de que

seriam, de certo, bolsonaristas. Mas felizmente nos enganamos.

Dois lutadores. Um veio de Goiânia tentar a vida, estudar, conhecer a Europa, ver as oportunidades. Um jeito gay, educado, atento, receptivo. Mora em “república” com outros brasileiros, da qual é o “presidente”, como brinquei com ele. E foi ficando. O outro, vítima das muitas *reengenharias* que o capitalismo brasileiro inventa e reinventa, chegou a ter negócio próprio em Betim, MG, mas faliu e partiu para outra oportunidade, desta vez em Lisboa. Veio, viu e topou a parada. Depois trouxe a mulher. Quatro anos já sem estar no Brasil, onde esteve por uma única vez para ver o avô que agonizava e pediu sua presença. E nos disse que quer fazer sua vida ali mesmo – o Brasil para ele já era.

O papo sobre política veio naturalmente e ambos declinaram sua aversão ao bolsonarismo, no que contaram com nosso entusiástico apoio, inclusive em relação a algumas ressalvas a Lula por parte do mineirinho. Mas consideramo-nos, sem exceção, apoiadores do petista.

No Porto encontramos outro caso, também significativo, mas de natureza um pouco diferente. Desta vez um homem branco, de classe média ou até mais. Mas também no volante de um Uber. Engenheiro e professor universitário na área de informática ou tecnologia de informações. Filho de pai português, com porta aberta e regulamentada para o país. Despediu de tudo, também em Goiânia, e veio com toda a família para acompanhar a filha, que estuda arquitetura na Universidade do Porto. Está feliz com sua opção e também não quer voltar. Pilota seu próprio veículo, ao contrário dos outros dois, que são empregados. A

conversa sobre política rolou de forma mais imediata e de cara nos demos conta de grande sintonia com ele.

O Brasil, para estes, virou apenas uma fotografia na parede, ao que parece.

São casos isolados, certamente, mas que mostram um retrato da diáspora brasileira. Na singeleza de biografias de indivíduos que são, acima de tudo, lutadores, percebemos a grandeza e o heroísmo da vida de imigrante, tão decantada na literatura de todo o mundo, mas que na vida real é cheia de perigos e incertezas.

Certamente estes compatriotas, cujos nomes infelizmente esqueci de anotar, ajudam a reavivar nosso orgulho pela nossa *brasileidade*, tão vilipendiada não só pela estrutura política atual, como pelo acúmulo de desinformação e ignorância que persegue nossa gente, coisas que a emigração costuma acentuar ao invés de curar.

Salve esses caras tão lúcidos e conscientes, portanto. Que sejam felizes em sua nova pátria, tão bem escolhida, pois eles bem que merecem.

CITÂNIA DE BRITEIROS

Este nome esquisito bem merece uma página aqui nestes relatos de viagem.

Fica tal lugar nos arredores de Braga, embora situado de fato no *Concelho* de Guimarães. Vamos a ele.

A Citânia, palavra que tem origem comum com cidade (*civitas*) em latim, é um amplo sítio arqueológico, Monumento Nacional lusitano, com todas as honras inerentes. Suas origens remontam ao vasto período da idade do ferro (1 200 a.C. - 1 000 d.C) e sua característica principal é a construção totalmente em pedra, à maneira dos antigos *castros*, ou seja, instalações fortificadas presentes na Península Ibérica. Há provas arqueológicas (obras de arte, inscrições, construções diversas) de a mesma ser representante de uma cultura autóctone, espalhada por vasta região, havendo nisso traços também de influências celtas.

Os tais *castros* teriam como características principais o fato de se situarem em locais elevados, amuralhados, com casas em formato circular, ruas calçadas, coleta de águas pluviais, apriscos retangulares para animais e decoração com motivos geométricos. Tudo em pedra empilhada e ajustada, sem qualquer tipo de ligadura ou cimento. Na Citânia de Briteiros existem ainda resquícios de nada menos do que três muralhas, com dois a cinco metros de altura cada uma.

Tal cidadela já estava lá e era habitada quando da invasão romana, no último século a. C., sendo provavelmente abandonada por seus moradores primitivos, por motivos ignorados, quem sabe por alguma incompatibilidade com o *modus operandi* de Roma, apenas no século III d. C. Suas ruínas foram descobertas, estudadas e protegidas exaustivamente

por um grande benfeitor local, o arqueólogo Martins Sarmento, ao longo das últimas décadas do século XIX.

Minhas pesquisas na internet trazem mais informações. Supõe-se que ali fosse uma capital política no início da Era Cristã, estando mesmo presente no seu território os alicerces de uma grande construção circular onde se reunia um conselho de representantes (*consilium gentis*) de abrangência mais ampla.

Não chegamos a visitar tudo, pois o cansaço naquele dia quente de final de verão nos dominava, mas cabe registrar ainda a presença de um balneário na parte mais baixa do terreno, no qual existem duas câmaras divididas por uma grande pedra, com abertura para se passar de um para o outro lado, sendo um dos compartimentos para os banhos de vapor e o outro para os de água fria. Coisa muito bem elaborada, portanto.

E por ali estivemos, por umas boas duas horas, subindo e descendo as ladeiras pedregosas. Helaine, com sapatos de salto desistiu logo, mas eu, Keta e Íris persistimos. No caminho travamos contato com um casal brasileiros, mais velhos do que a gente e isso nos estimulou a prosseguir. Aliás, saímos de lá à beira de uma boa amizade com eles, dada a simpatia com que nos trataram, além de forte sintonia lusófila. Na Citânia tive oportunidade de apresentar às minhas companheiras de viagem belos exemplares de coisa bem portuguesa, com certeza: os *sobreiros*, alguns deles até apresentando as marcas numeradas que definem as datas de retiradas de seu manto protetor, a cortiça.

E dali rumamos a Guimarães, tão linda.

Mas cabe indagar a nós mesmos: o que um lugar assim é capaz de ensinar para a gente, que veio do Brasil?

Em primeiro lugar o cuidado e a proteção com um patrimônio – e de uma História – que a todos pertence. Isso a gente encontra por toda parte em Portugal: nas igrejas, mosteiros, castelos, palácios oficiais, bosques, rios e cidadelas pré-históricas como aquela. Tal cuidado, simplesmente, *faz parte da paisagem* lá.

Mas tem mais algo que completa e adiciona valor aos procedimentos de cuidado: a abundância de informação que se encontra em locais como a Citânia, traduzida por mapas, posters, quadros, folhetos, livros para consulta, telas e dispositivos diversos para consulta on-line. A Citânia de Briteiros fica no meio do mato, mas contém tudo isso. E como se não bastasse, na aldeia próxima, que tem nome de Briteiros apenas, ainda há um museu dedicado à memória do descobridor-divulgador Martins Sarmento.

O fato é que brasileiros, se forem sensíveis como nós (acho que os que não o são nem aparecem em um lugar assim) saem de lá iluminados, mas com uma certa vergonha. Quanta coisa importante do ponto de vista histórico, natural ou artístico aqui temos esquecida, espezinhada, detonada, desvalorizada. Pego uns três ou quatro exemplos de abandono, para encerrar esta narrativa com um toque de tristeza e nostalgia, citando lugares do Brasil por onde já passei: a rotunda ferroviária de Ribeirão Vermelho, no Sul de Minas, que um dia foi o centro nevrálgico de uma rede ferro-hidro-rodoviária que ligou o Rio de Janeiro aos sertões mineiros; a exótica e surpreendente Xique-Xique do Iguatu, na Chapada Diamantina, que reproduz também em pedra um pouco dessa Citânia de Briteiros, embora construída dois mil anos depois dela; a infraestrutura ferroviária de Pirapora, também em

MG, na qual morreu, para nunca mais ressuscitar, a ligação que traria o trem de ferro do Centro-Sul do país até o Planalto Central, muito antes de JK.

Um dia, quem sabe...

PRESIDENTES, LÁ E CÁ

Em Portugal o regime é parlamentarista. O dia a dia do governo é tocado pelo Conselho de Ministros, chefiado por um *Premier*. Até aí a fórmula é conhecida e o exemplo mais lembrado é sempre o da Inglaterra. Mas em Portugal o Presidente não é uma mera *rainha* – o atual, então, nem se fala, é um cara super atuante, presente, respeitado e mesmo querido, além de constitucionalmente sujeito a intensivos deveres e responsabilidades.

O nome dele é Marcelo Rebelo de Souza e suas funções são muito diversificadas, além de realmente poderosas. Assim, por exemplo, ele é o Comandante Supremo das Forças Armadas; tem o poder de dissolver a Assembleia da República e convocar novas eleições; nomear o Primeiro Ministro tendo em conta os resultados eleitorais e também os restantes membros do Governo sob proposta daquele. E bota etc. nisso! De quebra pode também demitir todo o Governo, desde que isso seja necessário para assegurar o regular funcionamento das instituições. Aliás, tinha feito isso sem pestanejar pouco antes de estarmos lá, por impasses na aprovação do orçamento nacional. E o mundo não acabou por causa disso.

Poderoso assim, o Presidente tem tudo para ser um daqueles seres casmurros, autoritários e donos da verdade. Mas nada disso. Marcelo pode ser encontrado na fila do supermercado, de sacola na mão e na praia, de short, carregando cadeirinha e guarda-sol. Dirige seu próprio carro pelas ruas de Lisboa e mora em sua própria casa, recusando as instalações luxuosas do Palácio Nacional a ele destinado, em Belém. Quando estávamos por lá, saiu de casa para visitar uma escola pública em bairro de Lisboa, na qual havia estudado na infância. E ali se esbaldou em fazer selfies com a

meninada. É católico e viúvo, mas continua solteiro, morando com uma companheira há muitos anos. Não fala em casar, nem ela em virar Primeira Dama. Tem filho e netos no Brasil e gosta muito de nosso país, tendo nos visitado por duas ou três vezes nos últimos tempos, mesmo passando pelo constrangimento de ser às vezes recebido por Bolsonaro.

Mas sobre essas visitas ele explica que vem até aqui não por alguma sintonia ideológica especial e nem por ser amigo de alguma autoridade local, mas como Presidente de um país que tem fortes ligações com o nosso. Seria melhor ele se poupar disso e assim atenuar nossa vergonha, achamos Keta e eu, mas sem dúvida é justo e respeitável seu modo de pensar.

No título desta crônica eu falei em “lá e cá”. Mas pensando bem, vou parando por aqui, ficando só neste “lá”. Quem sabe em próxima oportunidade registrarei também a segunda parte. Mas neste momento penso que é pura perda de tempo e de energia, além de motivo de vergonha.

VER DE PORTUGAL

Chico Buarque captou bem o possível espanto dos descobridores face à natureza tropical de Pindorama, ao dizer, no Fado Tropical, que eles aqui *se perderam e se encontraram*. De fato, deve ter sido um susto para os recém chegados, fonte de admiração e até de enlouquecimento.

Fico me indagando das reais diferenças de cobertura vegetal entre a *Terra Mater* e a recém encontrada colônia ao Sul do Equador. Já na ocasião, século XVI, deveria ser algo momentoso. Se Portugal já teve matas fechadas, mesmo que pontuais, naquela ocasião estas já deveriam andar em adiantado estado de dizimação, eis que tantos palácios, igrejas, mosteiros e residências nobres deveriam consumir vastos mundos de boa madeira, não só para seus telhados, portas, janelas e mobiliário, mas também para o escoramento, durante a construção, das lajes e arcos de pedra. Já não devia ter sobrado nada, realmente, donde é possível que o espanto narrado por Chico tenha tudo para ser verdadeiro.

Já falei de muitas coisas nestas *Crônicas*, mas creio eu que de árvores e florestas ainda não o bastante. Assim, conto aqui o que um brasileiro como eu, que aprecia a natureza, percebe em relação às florestas e áreas verdes em Portugal.

A primeira coisa que chama a atenção, é claro, é uma certa escassez de tal matéria, não só porque o país é pequeno como também as formações florestais são menos variadas. Olhares menos apurados vão esbarrar logo com a presença ubíqua de eucaliptos. Mas não nos apressemos e julgar a natura portuguesa apenas por este aspecto, como fez um amigo meu há tempos atrás, considerando isso um fato surpreendente e até mesmo

decepcionante. Nada disso, em primeiro lugar porque esta espécie que conhecemos tão bem aqui no Brasil lá é muito mais escassa do que aqui. Enfim, nunca se veem plantações extensivas, daquelas que sobem e descem morros, ocupando territórios de muitos km quadrados, invadindo totalmente o que era antes domínio de cerrado e matas.

O fato é que sem querer botar nisso um olhar profissional, de que eu careço completamente, o que notei é que os pés de eucalipto (nem falo em plantações completas) são plantados ali de entremeio à vegetação nativa, como que a complementando em manchas não extensivas. Creio que isso deve fazer toda a diferença.

Mas ainda sobre o eucalipto, tenho uma opinião um tanto taxativa, que nem sempre é compartilhada pelos ecologistas da família, numerosos aliás. Ela é a seguinte: o eucalipto não é problema; é solução! É claro que não falo exatamente das tais plantações extensivas que sobem e descem morros, não permitindo o crescimento de nada debaixo de sua sombra estéril e que não são visitadas por qualquer tipo de pássaro e que, quando finalmente são cortados, deixam apenas o rastro de um verdadeiro deserto. Quando falo das vantagens do eucalipto me refiro à sua capacidade de crescer rapidamente, fornecer bom material para carvão e escoramentos e até mesmo madeira boa para móveis e construções. Em suma, quando se tem eucalipto disponível a mata nativa deixa de ser aniquilada. Simples assim.

Assim me parece que o modo português de lidar com o eucalipto está correto. Não custa nada dizer isso, tendo em vista que aqui no Brasil quando se vê um eucalipto de pé, logo se quer cortá-lo – ou . Tipo oito ou oitenta. Os que são de Brasília, como eu, certamente se lembram das aleias dessas árvores que havia no

canteiro central da rodovia BR-020, à altura de Sobradinho, que até perfaziam uma paisagem agradável e sombreada, dos quais não existe mais nenhum sinal.

Mas tudo isso é mera digressão. Voltemos a Portugal.

Li certa vez que um dos empreendimentos trazidos à luz em meados do século XV, dentro do escopo das grandes navegações – aquela história da Escola de Sagres e do Infante Dom Henrique, lembram? – foi um amplo reflorestamento na região do Algarve, com madeiras adequadas à construção de navios. Não era coisa para amanhã, claro, mas para 20 a 30 anos depois. Acho que isso é bem uma mostra do *modus operandi* com as florestas por lá. Todavia não poderia afirmar que isso tenha desdobramentos tão amplos e duradouros até hoje.

Mas posso afirmar que em muitos lugares que estivemos, algum tipo de cinturão verde permeia ou circunda as áreas urbanizadas, mesmo que á custa de eucaliptos. Não é raro encontrar, também, áreas de densa mata nativa, efetivamente preservada, quase dentro de aglomerados urbanos, como vimos em Braga, Mafra, Tibães, Sintra, Lisboa e outros lugares.

Na minha observação direta, que carece quase totalmente de qualquer rigor botânico, me distraía tentando localizar alguns dos espécimes que eu já conhecia, embora mediante pura curiosidade. Entre estes cito os *plátanos*, que arborizam boa parte das cidades e vilas portuguesas, como no caso concreto das avenidas da Liberdade em Lisboa e Braga, além da via beira rio em Ponte de Lima. Destaque especial para os *pinheirinhos bravos* e *mansos* de copa arredondada (e não totalmente conífera) que se veem por toda parte. Sem esquecer das *oliveiras*, dos *sobreiros*, das *videiras*

e dos *carvalhos*, que talvez sejam comuns em toda a Península Ibérica e outras partes da Europa.

Mas de toda forma sinto que saí de lá devendo a mim mesmo o conhecimento de outras árvores, que acabo por ter sido apresentado apenas em páginas de livros ou sites na internet, como as *azinheiras*, *choupos*, *ginjeiras*, *alfarrobeiras*, *salgueiros*, *amieiros*, *olmos*, *freixos*, *azevinhos*, *azereiros* e que-tais.

PROGRESSO SOCIAL: O QUE É DE VERDADE?

Em nossas andanças por Portugal caminhamos pela noite em vários lugares, Braga, Porto, Vila do Conde e Lisboa, por exemplo. Em minha passagem por lá em 2019, tendo Cascais como base, voltei inúmeras vezes de trem a partir de Lisboa, depois da meia noite, assim como o fizeram eventuais pessoas que me visitaram. E daí? E daí que a segurança era total. Para nós e para os muitos outros, jovens, velhos e diversas pessoas que faziam o mesmo que a gente.

Uma coisa assim já diferencia *imenso* (como dizem por lá) os dois países. Em um você anda por todo lado e volta pra casa incólume. No outro, periga não voltar ou voltar de ambulância – isso se não for parar no IML.

Mas não é só nisso que Portugal e Brasil se diferenciam. Na hora do rush, por exemplo. O movimento de veículos nas ruas aumenta, mas proporcionalmente aumenta muito mais o número de passageiros que pega o metro. Sem empurra-empurra e correria, todavia. De outra vez, experimentei entrar em Lisboa na hora do rush, pela via A2, que é uma das principais estradas do país. Chegada tranquila e contrafluxo de saída melhor ainda. Aquele trem amarelinho passando ligeiro logo ao lado da rodovia explicava toda a diferença que também neste campo diferencia um país do outro.

Meu amigo Eduardo Guerra comentou comigo uma matéria de imprensa na qual se dizia que em Portugal mais de 80% das pessoas possui casa própria. Não sei se apenas portugueses de nascença ou em geral, mas mesmo assim é muita gente. Em tal quesito, nos vários giros que fiz por lá, seja no Minho, no litoral, na região do Porto, na Beira, no Alentejo, não cheguei a ver moradias detonadas ou precárias, conjuntos

habitacionais indignos ou favelas. As moradias portuguesas, individuais ou coletivas, são quase todas de qualidade destacada, com certeza, independente de terem na entrada um São José de azulejo ou um prato d'uvas doiradas e dois braços à espera de quem chega.

Mas tem mais: a Polícia. Discreta como quê. Raramente é vista. Mas dizem que é só fazer alguma coisa errada que ela aparece rapidinho. Mas nada de meganhas agorilados, a exibir músculos e barrigas dentro de roupas mal enjambradas, com luzes piscando em suas “aviaturas”, sirenes ligadas e perseguições rocambolescas. Pelo contrário, são uns rapagões e moçoilas bem apessoados, vestidos a rigor à moda *cyborg* e super bem equipados com seus walk-talkies, algemas de aço inox, coletes a prova de balas e pistolas automáticas. Dizem também que não é tão santa como parece a tal polícia. Mas certamente quem diz isso não conhece a polícia brasileira.

As escolas estão por toda parte, são abrigadas por edifícios muito bem conservados e praticamente não há diferença no aspecto externo das escolas públicas e das privadas. É tudo bem estruturado e organizado. Nas escolas privadas se usa uniforme e nas públicas a roupa é a comum. Esta parece ser a única diferença. Nas duas variedades as aulas seguem pelo dia a fora. Nada de meio turno.

Na saúde se veem as unidades do Serviço Nacional de Saúde por toda parte. Não faltam hospitais também, havendo os de tipo público e também os privados, com fachadas que se equivalem em matéria de conservação e modernidade. Lá dentro nos disseram que também é assim. Os melhores hospitais do país são públicos, entre eles os universitários. Meus amigos Eduardo e Célia, na condição de moradores estrangeiros aposentados, têm direito ao SNS tanto quanto

qualquer português e até mesmo estão cadastrados a um médico de família, que os atende em unidade das vizinhanças. Pela idade, contudo, preferem pagar um plano de saúde para assistência especializada e hospitalar, e isso lhes custa menos de 200 euros AO ANO (!).

Para completar este raciocínio e tentar, finalmente, responder a pergunta feita no título acima, vamos ver o que mede objetivamente a qualidade de vida de um povo. Existe um modo de se fazer isso, através do chamado Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em cuja composição entram expectativa de vida, educação e renda per capita. Quanto mais alto for o número obtido maior é o desenvolvimento humano de um determinado país.

Este número em Portugal é de 0,864. Está distante daquele obtido, por exemplo, na Noruega, Irlanda, Islândia, Alemanha, Holanda, Suécia e outros países nórdicos, em que o IDH supera 0,90. Por outro lado, em termos de União Europeia, está próximo ao de Andorra, Hungria, Eslováquia e Romênia, mas supera as cifras de Rússia, Georgia, Turquia e Sérvia. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra, portanto. No Brasil, como um todo – pobres de nós – este número não passa de 0,754.

Ter progresso social e desenvolvimento humano não significa alguns poucos terem direito a muito, nem falo de ir a Disney todo ano ou uma vez na vida; é muito mais do que isso, ou seja, ter-se direito a moradia confortável, transporte decente, saúde de acordo com as necessidades, educação garantida, polícia da qual o cidadão comum não precisa ter medo.

Acho que está respondida a pergunta que abre esta crônica, não?

DOIS PAÍSES E UMA PASSARELA

Na volta da viagem tivemos que pernoitar no Recife, como injunção já explicada aqui anteriormente, na crônica de abertura. Como se tratava apenas de um pernoite e parte de dia, tomamos hotel bem em frente ao Aeroporto, um daqueles Ibis que existem por toda parte, no Brasil e alhures. Bem na frente de nossa janela havia (e há) uma extensa passarela, a qual atravessa várias vias, tendo origem em uma estação de metrô nas proximidades e se dirigindo ao aeroporto, do outro lado.

Obra moderna, gigantesca, chamativa, uma daquelas coisas de que as cidades se orgulham e até passam a constar de suas vitrines de qualidades. Mas aquela ali, sei não, não resistiria a uma pergunta realmente simplória: *para que serve?*

Alguém mais afoito e mais (ou menos) crítico acrescentaria ser tal indagação bastante tola e gratuita: *ora, só pode servir para levar pessoas do metrô até o aeroporto!*

Sim, é isto mesmo! Mas há um encadeamento de questões a serem enfrentadas: qual a extensão do metrô do Recife? A que tipo de usuários serve o mesmo? Quantas linhas estão em operação? Seu preço é competitivo em relação às linhas de ônibus? Ele foi planejando dentro de um esquema de aprimorar a mobilidade na cidade com alcance por parte de todas as classes sociais? Sua operação tem conseguido reduzir o número de automóveis nas ruas? Houve ou há esquemas de corrupção envolvidos na sua construção e operação?

Já basta de perguntas. Já concluo onde quero chegar.

Esta passarela é provavelmente inócuia. As pessoas que pegam avião, com exceções relativamente raras, certamente vêm de taxi ao aeroporto, não de metrô. Em muitos lugares da mesma linha as estações certamente desaguam diretamente em meio a ruas movimentadas, sem o apoio de qualquer tipo de passarela. Seria mais uma obra de baixo impacto para passageiros comuns, mas não para a classe média e alta que viaja de avião (que mesmo assim nem deve usá-la habitualmente). Além disso, como se sabe, as construções de metrô representam uma verdadeira vaca leiteira para empreiteiros corruptos.

A passarela de Recife é um retrato do Brasil, completo, sem filtro!

Do outro lado do oceano, ao Norte do Equador, certamente não se vê uma coisa assim. Vimos muitas passarelas em Portugal, mas todas voltadas para o uso comum dos cidadãos, não para uma classe privilegiada.

Mas estamos no Brasil...

Tenho dito.

Fim.